

C E N T E N Á R I O

JAYME CAETANO BRAUN



Festejos Farroupilhas 2024

Festejos Farroupilhas 2024

C E N T E N Á R I O



JAYME CAETANO BRAUN



Porto Alegre, 2024

Organização Estância da Poesia Crioula
Cândido Adalberto de Bastos Brasil

Realização Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria de Estado da Cultura
Instituto Estadual do Livro

Governador do Estado do Rio Grande do Sul
Eduardo Leite

Secretária de Estado da Cultura
Beatriz Araujo

Diretor do Instituto Estadual do Livro
Silvio Bento

Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG/RS
Ilva Maria Borba Goulart

Fundação Cultural Gaúcha – FCG/RS
Oscar Fernande Gress

C397 Centenário Jayme Caetano Braun / [organização Estância da Poesia Crioula, Cândido Adalberto de Bastos Brasil]. – Porto Alegre : Instituto Estadual do Livro, 2024.
73 p.: il.

Acima do título: Festejos farroupilhas 2024
ISBN 978-65-89863-30-4

1. Biografia individual : Pajador : Rio Grande do Sul. 2. Folclore : Rio Grande do Sul. 3. Braun, Jayme Caetano, 1924-1999. 4. Brasil, Cândido Adalberto de Bastos. 5. Estância da Poesia Crioula.

CDU 929(Braun)
398(816.5)

Catálogo elaborado por Cristina Alice Gomes CRB10/1015

2024
Instituto Estadual do Livro
Rua André Puente, 318
Independência,
Porto Alegre - RS
90035-150

**Comissão Estadual dos
Festejos Farroupilhas 2024**

Presidente: Gabriella Meindrad

Vice-Presidente: Rogério Bastos

1ª Secretária: Karina Contiero Silveira

2ª Secretária: Ivana Maria Genro Flores

Secretaria da Cultura

Gabriella Meindrad Santos de Souza
Aquiles Barboza da Silva

Corpo de Bombeiros Militar

Ederson Fioravanti Silva Lunardi
Ana Paula Bombardelli

Gabinete do Governador

Fernanda de Freitas Braga
Teresinha Martini Thiesen

Polícia Civil

Paulo Cesar Caldas Jardim
Daniel de Oliveira Ordahi

Secretaria da Casa Civil

Ivana Maria Genro Flores
Luiz Cesar Moreira de Campos

Instituto Geral de Perícias

Cintia Ruschel
Patrícia Etz

Secretaria de Comunicação

Lena Ruduit
Luis Fernando Alencastro Maria

**Federação das Associações
de Municípios do Rio Grande
do Sul – Famurs**

Vinicius Brito
Ismael Felipe Horbach de Medeiros

**Secretaria de Desenvolvimento
Econômico**

Edna Evaldt Schwanck
Roberta Martins Fornari

Movimento Tradicionalista Gaúcho

Luiz Henrique Petersen Lamaison
Fernando Fraga Galimberti

Secretaria da Educação

Cláudia Castro Luchesi Poli
Amanda Luiza da Costa Cunha Jaccottet

Fundação Cultural Gaúcha

Rogério Pereira Bastos
Paulo Roberto Matukait da Silva

Secretaria de Turismo

Gabriel Salvador Fogaça
Norton Eduardo Baum

Prefeitura Municipal de Porto Alegre

Liliana Cardoso Rodrigues dos Santos
Renato Wieniewski

**Secretaria da Agricultura, Pecuária,
Produção Sustentável e Irrigação**

Antônio Carlos de Quadros Ferreira Neto
Rosane Collares Moraes

**Ordem dos Advogados
do Brasil – RS**

Karina Contiero Silveira
Ricardo Vogt de Oliveira

Secretaria do Esporte e Lazer

Olavo Albuquerque Carneiro
Amilton Gonçalves de Lima

Estância da Poesia Crioula

Cândido Adalberto de Bastos Brasil
Léo Ribeiro de Souza

**Secretaria de Justiça e Sistema Penal
e Socioeducativo**

Paulo Ricardo Javiel Rezende
Rafael Baneiro Victória

Secretaria de Desenvolvimento Rural

Guilherme Marques Trogilo
José Carlos Lucas Machado

Brigada Militar

Major Diego Garay Terra
Elisander Candor Tellier

Órgão / Entidade

Titular
Suplente

Sumário

5	Mensagem do Governador
6	Mensagem da Secretária da Cultura
7	Apresentação
8	Mensagem do Movimento Tradicionalista Gaúcho
9	Mensagem da Fundação Cultural Gaúcha
10	Perfil do Patrono dos Festejos Farroupilhas 2024
15	Mensagem do Patrono
16	A Identidade Visual
18	A Artista
19	A Canção-Tema
23	As Canções-Tema ao longo dos anos
24	Biografia de Jayme Caetano Braun
53	Poemas / Jayme Caetano Braun
74	Monumento a Jayme Caetano Braun
76	Créditos

O legado de Jayme Caetano Braun inspira os Festejos Farroupilhas

Os Festejos Farroupilhas são um marco para celebrar a história e a identidade do Rio Grande do Sul. O período serve para aprofundar os entendimentos sobre os valores, as tradições e as lutas que deram contornos para a cultura gaúcha. É também uma oportunidade para se refletir sobre esse legado que define muito do que somos.

Para se ter compreensão da importância dessa festividade, é preciso um olhar que ultrapasse as batalhas e os feitos históricos. Também é necessário mergulhar na alma do povo gaúcho, formada pela poesia, pela música e pela tradição oral.

Neste cenário, surge a figura de Jayme Caetano Braun, um elo vital entre os Festejos Farroupilhas e a identidade gaúcha. Nascido em meio às paisagens das Missões, desde cedo ele se nutriu da riqueza poética e da tradição oral que compunham seu ambiente familiar. Morou em São Luiz Gonzaga, Cruz Alta, Passo Fundo e Porto Alegre, o que possibilitou que diferentes facetas da cultura gaúcha se entrelaçassem em suas obras.

Braun foi poeta, pajador e defensor das tradições, tornando-se uma das vozes mais representativas do Rio Grande do Sul. Com uma poesia que ressoa os valores e as emoções do povo gaúcho, transmitiu histórias, mitos e tradições que permeiam a cultura sulina. Por meio de seus versos, elevou a coragem dos gaúchos, a beleza da paisagem do Pampa e a luta pela preservação das tradições.

Em 1957, Braun esteve entre os que fundaram a Estância da Poesia Crioula, a qual presidiu de 1960 a 1961. Dois anos depois, foi um dos fundadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Com ações como essas, dedicou sua vida a difundir e valorizar as manifestações da cultura do Rio Grande do Sul, deixando um legado que perdura até hoje, sendo inspiração para que novas gerações mantenham viva a chama da tradição.

Por tudo isso, nada mais apropriado que Jayme Caetano Braun seja celebrado como tema dos Festejos Farroupilhas 2024. Precisamos reconhecer a importante função deste personagem na construção e na preservação da identidade cultural gaúcha. Seus versos continuam a ecoar, lembrando-nos da importância de honrar e valorizar o que define e constitui o povo do Rio Grande do Sul.

Que o legado de Braun possa inspirar muitas gerações ainda e avivar a chama que mantém viva a herança cultural dos gaúchos.

Eduardo Leite

Governador do Estado do Rio Grande do Sul

MENSAGEM DA SECRETÁRIA DA CULTURA

É com satisfação que compartilhamos o livro dos Festejos Farroupilhas de 2024, este ano dedicado ao Centenário de Jayme Caetano Braun, figura ímpar em nossa cultura gaúcha. Este trabalho é um convite para uma imersão na vida e obra desse grande poeta, payador e defensor da tradição sul-rio-grandense.

Com o legado de Jayme Caetano Braun, mergulhamos em uma narrativa que atravessa gerações, marcada por sua poesia vibrante, seu compromisso com as raízes gaúchas e sua habilidade única como contador de histórias. Celebramos não apenas a vida deste notável artista, mas também enaltecemos a riqueza e diversidade da cultura do Rio Grande do Sul.

Assim como nos anos anteriores, reiteramos nosso compromisso em promover uma visão plural e inclusiva da história gaúcha. Reconhecemos a necessidade de valorizar não apenas os grandes protagonistas, mas também aqueles que foram marginalizados ou esquecidos pelas narrativas históricas tradicionais, como as mulheres, os negros e os povos originários.

Honramos não apenas o legado de Jayme Caetano Braun, mas também celebramos a diversidade de ideias e expressões culturais que tornam o Rio Grande do Sul único. Que esta obra inspire novas gerações a conhecerem e valorizarem nossa herança cultural, mantendo viva a chama do orgulho gaúcho.

Agradecemos a todos que contribuíram para tornar este projeto uma realidade e convidamos vocês a embarcarem nesta jornada de descoberta e celebração da cultura gaúcha.

Beatriz Araujo

Secretária de Estado da Cultura

APRESENTAÇÃO

Com renovado entusiasmo, tenho a honra de apresentar esta publicação que reúne informações sobre o Centenário de Jayme Caetano Braun, o tema norteador que inspira os Festejos Farroupilhas de 2024. Ícone das melhores tradições gaúchas, o compositor, poeta, cantor e comunicador é reconhecido em todos os rincões do Rio Grande do Sul como personalidade que nos identifica e representa por seu autêntico e potente legado artístico, revelador da alma dos rio-grandenses.

Conhecer a vida e a obra de Jayme Caetano Braun equivale a um mergulho profundo nos modos de ser e de fazer da gente do campo, com sua musicalidade, sua fala poética, seu amor pelo ambiente natural, pelo folclore e as tradições passadas de geração a geração.

Ao longo de sua trajetória artística, Braun se notabilizou pelas payadas, os poemas e as canções que enaltecem o Rio Grande do Sul que tanto amou. Na presente publicação, a arte é o fio condutor desse percurso que se inicia com seu nascimento, passando por juventude, principais influências, produção literária, parcerias musicais, ativismo cultural e participação em entidades representativas do tradicionalismo.

Por meio desta homenagem especial a Jayme Caetano Braun e das celebrações do 20 de Setembro, buscamos dar visibilidade e força aos valores da nossa terra e ao talento do nosso povo em sua grande riqueza e diversidade.

Assim, desejamos que o livro dos Festejos Farroupilhas de 2024 seja mais um instrumento acessível para compartilharmos informações e conhecimentos sobre a identidade cultural que nos une e engrandece.

Boa leitura!

Gabriella Meindrad

Presidente da Comissão dos Festejos Farroupilhas 2024

MENSAGEM DO MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO

“E a china?”

Quantas vezes ouvimos essa pergunta ecoando pelos galpões dos CTGs ao longo de nossas jornadas tradicionalistas? Neste ano, celebramos um marco extraordinário na história da literatura: o centenário de Jayme Caetano Braun. Este momento se configura como um convite à reflexão, à admiração e à gratidão pela vida e obra deste grande mestre das payadas.

Fosse o Piraju, Martín Fierro, Chimango ou o Andarengo, independentemente de seu pseudônimo, Jayme Caetano Braun nos presenteou com versos que transcenderam o tempo e tocaram os corações de gerações. Sua habilidade de capturar a essência do gaúcho e suas mais caras tradições, suas emoções mais profundas e os mistérios da vida, é verdadeiramente notável.

“Porque na rinha da vida
Já me bastava um empate!
Pois cheguei no arremate
Batido, sem bico e torto
E só me resta o conforto
Como a ti, galo de rinha
Que se alguém dobrar-me a espinha
Há de ser depois de morto!”

Esse verso define a valentia gaúcha representada pelo galo de rinha, tema que Jayme abordava com muita galhardia. Ao celebrarmos o centenário de seu nascimento, temos a oportunidade não apenas de lembrar seu legado, mas também de renovar nosso compromisso com a poesia e a arte. Pois é através das palavras que encontramos conforto em tempos difíceis, inspiração para sonhos mais elevados e conexão com o mundo ao nosso redor.

É hora de trazermos Don Jayme de volta aos galpões!

À medida que mergulhamos nas páginas de suas obras imortais, somos lembrados da capacidade transformadora da poesia. Ela nos desafia a ver o mundo com novos olhos e a encontrar beleza nas pequenas coisas.

Portanto, Jayme, o Payador dos Payadores, não apenas o honramos, mas também renovamos nosso compromisso de preservar e promover a poesia e a payada em cada galpão deste Rio Grande. Pois é nelas que encontramos a verdadeira essência da vida.

Ilva Maria Goulart

Presidente do Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG

MENSAGEM DA FUNDAÇÃO CULTURAL GAÚCHA

Quando, em 2003, iniciamos os desfiles temáticos no Rio Grande do Sul, para poder repassar conhecimentos maiores para os apreciadores da história gaúcha, tínhamos a consciência de que a cada passo dado deveríamos inserir novos elementos para ampliar e facilitar esse ato de transmitir conhecimentos.

Em 2005, passamos a homenagear os grandes nomes daqueles que nos deixaram legados com o título de patrono. E, no ano de 2007, decidimos desmembrar os desfiles para dar maior ênfase ao temático, realizando-o à noite, como espetáculo de som e luz.

Foi no ano de 2008, ainda em minha gestão como presidente do MTG, que fizemos o primeiro livro em parceria com o Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (IGTF), a fim de fornecer instrumentos a professores e centros de tradições gaúchas pelo estado, ajudando no desenvolvimento dos desfiles e das discussões sobre a temática “Nossos símbolos – Nosso orgulho”.

Passaram-se 16 anos, muitos temas abordados e, em 2024, falamos do centenário do grande pajador Jayme Caetano Braun, mergulhando na vida e na obra desse ícone da cultura gaúcha, cuja poesia ecoa pelas vastas planícies do Rio Grande do Sul e além. Sua obra atravessa fronteiras, emocionando e encantando pessoas de todas as idades e origens. Dotado de um profundo amor por sua região missioneira e pela cultura gaúcha, Braun deixou um legado imortal de poesia e tradição.

Jayme não era apenas um habilidoso poeta e pajador, mas um contador de histórias do nosso estado. Em suas apresentações, ele encantava plateias com sua eloquência, sua memória prodigiosa e seu carisma singular. Seu domínio da improvisação e sua capacidade de transmitir as tradições gaúchas fizeram dele uma figura lendária.

Esta obra é mais do que um livro, é uma homenagem a um dos maiores ícones da cultura do nosso estado. Não limita os conhecimentos sobre Jayme, mas nos dá ferramentas para podermos nos aprofundar na vida e na obra deste ícone das décadas gaúchas. Ao folheá-lo, mergulhamos nas paisagens vastas e nas emoções profundas que permeiam a obra deste mestre da poesia e da oralidade. Que seu legado perdure por muitas gerações, enriquecendo nossas vidas com sua arte e sua paixão pela vida no campo.

Oscar Fernando Gress

Presidente da Fundação Cultural Gaúcha – FCCG

Pedro Ortaça: a missão de cantar as Missões

Por Douglas Carvalho | ASCOM SEDAC

Aos 81 anos, o missioneiro Pedro Ortaça mantém acesa na memória a fraternidade que compartilhou, por muitos anos, com um trio de amigos: Jayme Caetano Braun, Noel Guarany e Cenair Maicá. Juntos, eles entraram para a história da cultura gaúcha como os Quatro Troncos Missioneiros. Em 2024, Ortaça foi escolhido como o patrono dos Festejos Farroupilhas, que neste ano têm como tema o centenário de Jayme.

O cantor, compositor e violonista Pedro Ortaça nasceu no dia 29 de junho de 1942, na localidade de Pontão de Santa Maria, município de São Luiz Gonzaga, um dos Sete Povos das Missões. Ao longo de sua trajetória, deu início, junto com seus amigos, a um movimento voltado a cantar a história, os costumes e a realidade do povo missioneiro.

A escolha para ser patrono dos Festejos Farroupilhas – oficializada em fevereiro, pela comissão estadual responsável pela iniciativa – soma-se a outros reconhecimentos já recebidos pelo artista. Foi eleito personalidade do século em São Luiz Gonzaga, recebeu o Prêmio Vitor Mateus Teixeira, entregue pela Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, e é Mestre das Culturas Populares Brasileiras, pelo Prêmio Humberto de Maracanã, do Ministério da Cultura. Seu trabalho traz um cancioneiro que conta com mais de 120 músicas de sua autoria, consagrando-se como um dos principais baluartes da cultura gaúcha.

Nesta entrevista, Ortaça celebra a escolha para o patronato, relembra sua infância e suas amizades e fala sobre a importância de cantar a terra onde nasceu.

Como o senhor recebeu a escolha para ser Patrono dos Festejos Farroupilhas? Muito importante a comissão de pessoas de muita influência no estado do Rio Grande do Sul, que me escolheram como o patrono da Semana Farroupilha. E eu fiquei muito contente, faceiro, e aceitei esse convite, sabendo da importância da Semana Farroupilha para o estado do Rio Grande do Sul e aqueles que se orgulham de ter nascido gaúchos.

Na sua opinião, qual a importância dos Festejos Farroupilhas? A importância da Semana Farroupilha é recordar da história do Rio Grande e de sua gente. E, sabendo que o Sul do

Brasil também é empenhado nessas comemorações, a gente fica contente por saber que aqueles que não são gaúchos e que são gaúchos de alma e sentimento estão conosco.

O seu avô era gaiteiro. Os seus pais também tocavam instrumentos e frequentavam a Bailanta do Tibúrcio, que lhe despertava grande interesse. Pode nos contar como foi a sua infância e como o senhor começou a ter contato com a música? O meu avô Quintino Martins dos Santos tocava muita cordeona de oito baixos. Decerto daí que vem a veia de arte no sangue dos seus filhos, como os netos e bisnetos do meu avô que estão por aí tocando. Muitos tocavam, e eu, graças a Deus, herdei um grande amor pela terra e pela história da nossa terra, as Missões e o Rio Grande do Sul. E a minha mãe e o meu pai também tocavam. A Bailanta do Tibúrcio era uma reunião de vizinhos que existia lá no Pontão (*localidade de Pontão de Santa Maria, em São Luiz Gonzaga, onde Ortaça nasceu*), que se reuniam, lá de quando em quando, e faziam o baile. O Tibúrcio era o dono da festa, dos convites, e os convidados iam todos pra lá, pra festejar, comer e bailar até clarear o dia.

O senhor é um dos Quatro Troncos Missioneiros, junto com Noel Guarany, Cenair Maicá e Jayme Caetano Braun. Como o senhor conheceu Noel, Cenair e Jayme? Nas minhas andanças por aí, pelo Rio Grande, que eu conheci o Noel, o Jayme e o Cenair. Nós nos reunimos e começamos a dizer versos, poesias e cantar desse nosso jeitão missioneiro. E aí que nasceu a música, a cultura e o cancionero das Missões do Rio Grande do Sul, porque nós quatro temos a mesma linha na cantiga, que é cantar denunciando, cantar dizendo os direitos do cidadão, cantar flores também, cantar a mulher, cantar o cavalo, cantar a história das Missões e do Rio Grande do Sul.

Vocês introduziram na cultura musical gaúcha uma nova vertente, valorizando as raízes e a realidade social dos povos missioneiros. O que os motivou a trazer esse novo olhar para as canções? Porque, na época em que nós éramos muito crianças, só se ouvia aqui nas Missões as rádios de São Paulo e do Rio de Janeiro. E lá era o sertanejo, sertanejo que era a música caipira, e no Nordeste, música como Luiz Gonzaga e vários outros que cantavam a seresta, cantavam a raiz da sua terra e a história daquela gente do restante do Brasil. E aqui nós não tínhamos uma cantiga que defendesse o direito do cidadão e que contasse um pouco da história do Rio Grande, onde as Missões são o ponto principal, aqui começou o Rio Grande, a história do povo missioneiro e de sua gente, que, infelizmente, foram destruídos e dizimados pelo estrangeiro. Estão aí ainda as ruínas dos Sete Povos, que eram 30, clamando que o povo saiba de onde vem e para onde vai. E foi isso que nós fizemos, cantar e

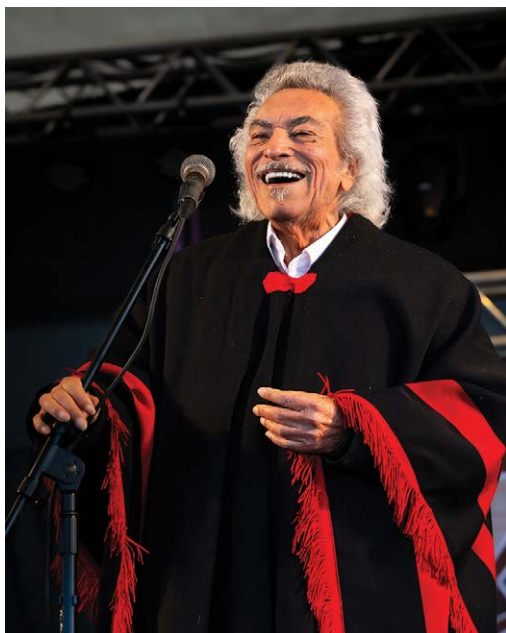
dizer que o Rio Grande nasceu nas Missões e vai para as futuras gerações com sua história, embora triste, mas alegre ao mesmo tempo, e sua cultura.

O disco Troncos Missioneiros, de 1988, é considerado um marco na construção da música missioneira. Pode contar como foi a produção desse disco? Troncos Missioneiros, o disco que nós quatro, há muito tempo, cantávamos. Cantávamos na mesma linha, que era a história do povo missioneiro. Fomos convidados pelo Alex (*Honenberger, produtor do disco*) para gravar esse disco, embora já tivesse outras gravadoras que queriam fazer a mesma coisa, como Troncos Missioneiros, registrar em disco, em vinil, essa cantiga nossa. E assim aconteceu, e registrou no disco, porque já era registrado na história do cancionário dessa terra, Troncos Missioneiros.

Em 2024, o senhor é o patrono, e o Centenário de Jayme é o tema dos Festejos Farroupilhas. O que o senhor imagina que seu amigo Jayme diria sobre esta homenagem feita a vocês? O Jayme ficaria contente com o convite, porque o Jayme sabia muito e, assim como ele exaltava no seu pensamento e nos seus versos o Rio Grande, a história, ele também criticava alguém que não sabia das coisas e queria opinar. E assim era o Jayme, porque convivi mais de 30 anos com o Jayme, e tinha e tenho orgulho de ter sido amigo do Jayme, e ele meu amigo. E eu admirava demais esse payador maior da América Latina.

O escritor Liev Tolstói disse: "Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia". O senhor tem dedicado toda sua vida a pintar a aldeia gaúcha e principalmente a missioneira, por meio de canções. O que o povo missioneiro tem de universal e o que ele tem de particular? Tem a herança de seus ancestrais, que está por aí para ser vista até hoje pelo olhar vivo e inteligente do ser humano. Foi isso que nos tornou membro do Rio Grande do Sul, alegre e feliz por ter nascido nessa terra e ter orgulho e amor por esta querência. "Venho de longe no tempo, muito embora os tempos novos / Sou cria dos Sete Povos, sou índio, branco e mestiço / E talvez seja por isso que quando a noite se alonga / Sou urutau, araponga, João-de-Barro e Siriema / No sangue feito poema de um bordonear de milonga".

Na canção "Companheira", o senhor exalta a parceria de sua esposa e diz que ela é a "companheira que sonhei desde guri". Qual a importância de Rose na sua trajetória pessoal e profissional? A Rose, a minha esposa, é uma grande companheira, uma amiga, que muito nos ajudou na divulgação da cantiga missioneira. Ela sabia e sabe que a maior importância, e faço uma oração sempre, é continuar sendo missioneiro e continuar tendo um grande amor pela terra. "Companheira" é uma letra



Pedro Ortaça. Fotografia de Clio Luconi.

do Carlinhos Cardinal e música minha, que eu gravei junto com a gurizada. Então, nós estamos cada vez mais alegres, por poder cantar a mulher do Rio Grande, a querida companheira.

Os seus filhos – Gabriel, Alberto e Marianita – não caíram longe do pé e valorizam muito o seu legado. Como o senhor vê o amor que eles têm pela cultura missioneira? O Alberto, o Gabriel e a Marianita já trouxeram no sangue essa herança missioneira. Crescendo, se criando, andando e vendo ao seu redor os valores do Rio Grande, que cantam com amor, com carinho, com fé e esperança em dias melhores, eles aprenderam que o Rio Grande tinha gente, e tem gente cada vez mais, que também pode amar a sua terra, como nós. E eles conheceram o Jayme Caetano Braun, grande poeta, que até escreveu junto pra gurizada ensinando a fazer verso, o Noel Guarany – que vinha já muito doente aqui em casa, apesar de que eu conheci o Noel muitos anos atrás, muitas andanças fizemos juntos – e o Cenair também, aquele querido amigo. E eles tiveram o orgulho, a satisfação e a alegria de conhecer e saber que eles eram os cantadores desta terra.

As lutas e a sabedoria dos guaranis sempre lhe inspiraram. Ailton Krenak, uma grande liderança indígena do Brasil, diz que o futuro é ancestral. E o senhor, na música “Timbre de

galo”, canta sobre a importância de compreender que o passado é a base de tudo. O caminho para um futuro melhor passa por valorizar o passado? Dizem que, para se fazer uma projeção para o futuro, com amor na presença, tem que ter passado. E esse passado foram os índios guaranis, que estavam na mata antes de chegarem os jesuítas, e daí os jesuítas conseguiram reunir os guaranis e criaram essa potência aqui, quando havia justiça, amor, carinho e muito trabalho. E está aí o exemplo nessas ruínas, daquele povo, 400 anos atrás, do que foi feito aqui, e principalmente o amor e a irmandade que tinham um pelo outro, que era o que mais inspirava a humanidade, e não conseguiram seguir no futuro e chegar no futuro, porque o destruíram. Eles tinham muito amor e carinho um pelo outro.

Quando o senhor pensa sobre a sua trajetória, o que mais lhe dá orgulho de ter feito? O que dá mais orgulho de ter cantado a sua terra é exatamente esse amor pelas nossas raízes do Rio Grande e do Brasil. Eu me sinto muito feliz onde cheguei, onde passei e onde eu ando, com o carinho que eu recebo do povo brasileiro e também da Argentina, do Paraguai e do Uruguai, onde eu já estive muitas vezes. Esse é o amor. E vejo por aí, onde ando, outros na Argentina, no Paraguai e no Uruguai cantando e tocando a sua terra, a sua gente e procurando cada vez fazer melhor, porque o mundo já reconhece essa cantiga.

MENSAGEM DO PATRONO

É com imensa honra e orgulho que celebro o centenário de Jayme Caetano Braun, o grande mestre da poesia crioula, o doutor da payada, o mágico das palavras. Como patrono dos festejos farroupilhas neste ano especial, sinto-me profundamente emocionado ao continuar minha trajetória terrena junto à homenagem a esse ícone que completaria 100 anos. Sua voz em versos e poesia ecoa através das gerações, mantendo viva a chama da tradição e da identidade gaúcha. Em cada verso, Jayme Caetano Braun imortalizou a alma do Rio Grande do Sul, inspirando-nos a preservar e enaltecer nossas raízes.

Eu, como seu parceiro de ideal e chão missioneiro, sinto-me grato, honrado e feliz por Deus ter-me permitido caminhar lado a lado com ele, aprendendo, compartilhando momentos de criação cultural e musical e também de enaltecimento do laço de amizade que existia entre nós. Por dez anos, fiz costado nos acordes de violão para Jayme contar em versos o orgulho de ser gaúcho.

Eu viajava das Missões para Porto Alegre toda semana para acompanhá-lo no programa Brasil Grande do Sul. Eu chegava de madrugada e lá estava ele me aguardando com o mate cevado.

Durante esses anos e nos subsequentes, nutrimos o mesmo sentimento pela terra e nosso povo. Hoje, vendo reconhecida essa caminhada valorosa, meu coração de 81 anos bate como o de um guri, pois a luta não foi em vão.

Que neste centenário possamos homenagear não apenas o homem, o payador, mas o legado que ele nos deixou, um tesouro cultural que continuará iluminando mentes, corações e almas.

Pedro Ortaça

Patrono dos Festejos Farroupilhas 2024



*Pedro Ortaça
Fotografia de
Edegar Cavaleiro*

A IDENTIDADE VISUAL

A identidade visual dos Festejos Farroupilhas de 2024 foi cuidadosamente elaborada e escolhida para representar o Centenário de Jayme Caetano Braun, poeta, pajador, compositor de destaque da cultura gaúcha e tema central das festividades. A arte-tema, produzida por Cintia Matte Ruschel, foi eleita por unanimidade pela Comissão Estadual responsável pela organização dos festejos.

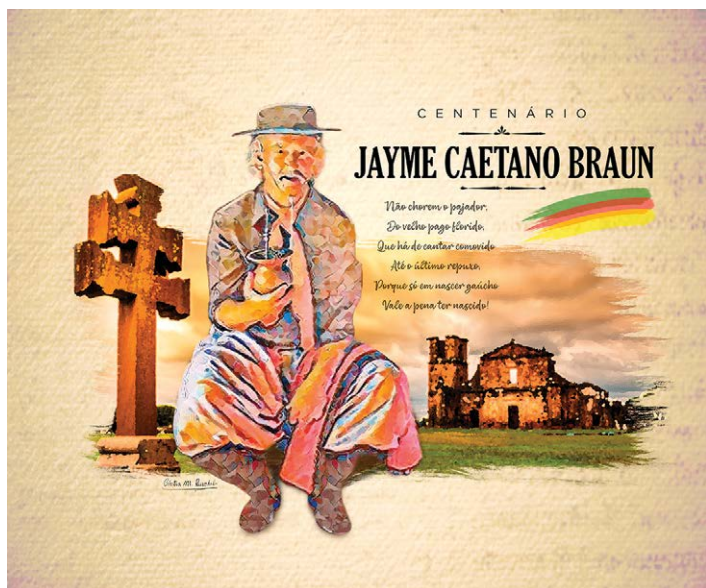
Em sua criação, a artista apresenta uma cena campeira que traz nosso renomado pajador gaúcho com sua pilcha e chimarrão, em meio ao legado histórico da região missioneira do estado. Elementos que pelas mãos de Cintia ganham vida e nos convidam a fazer parte deste ambiente – onde Jayme viveu desde criança e se desenvolveu como artista –, tão retratado em toda a sua obra.

As cores dão leveza e trazem em pinceladas de aquarela o mesmo espírito alegre e irreverente que o poeta imprimia em suas rimas e versos. “Procurei recriar esse cenário de forma ilustrativa, como uma pintura, fazendo uma releitura dos símbolos das Missões”, explica Cintia. Símbolos estes que são tão marcantes na carreira dos “Quatro Troncos Missioneiros”, como se intitularam Jayme Caetano Braun, Noel Guarany, Cenair Maicá e Pedro Ortaça (patrono dos festejos), que juntos transformaram o cancionero regionalista.

Por fim, para além da imagem que em si contém importantes mensagens, vemos ainda um último toque à essência do poeta, um trecho de sua “Milonga de Payador”, que compôs em parceria com Pedro Ortaça:

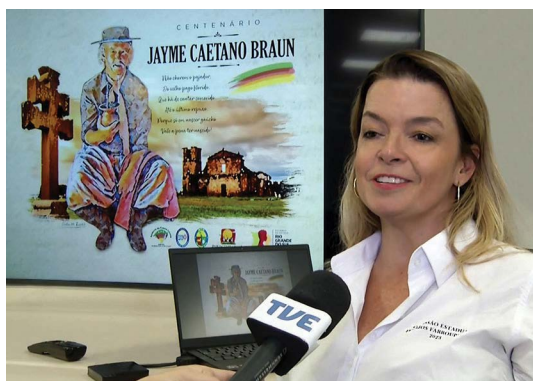
Não chorem ao pajador
Do velho pago florido
Que há de cantar comovido
Até o último repuxo
Porque só em nascer gaúcho
Vale a pena ter nascido.

Que esta arte, além de celebrar a vida e obra de Jayme Caetano Braun, também represente a valorização da cultura e das tradições gaúchas desde sua colonização.



A ARTISTA

Cintia Matte Ruschel, nascida em Porto Alegre, é graduada em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela UFRGS. Especializou-se em Design Visual e Computação Gráfica nos Estados Unidos, onde também trabalhou em estúdio de animação para cinema em Hollywood. Desde então, trabalha com criação de artes gráficas, logotipos, identidade visual, animação, web, vinhetas, vídeos, entre outros. Concursada como Produtora Gráfica da TVE, hoje atua como designer na assessoria de comunicação do Instituto-Geral de Perícias e é membro da Comissão Estadual dos Festejos Farroupilhas.



Cintia Matte Ruschel (foto/divulgação).

O trabalho de Cintia e o empenho da Comissão garantem que a celebração do Centenário de Jayme Caetano Braun seja marcada por uma identidade visual única e representativa, resgatando a potência e a tradição dos Festejos Farroupilhas.

A CANÇÃO-TEMA

A música tem sido uma presença constante na vida humana ao longo da história, proporcionando entretenimento, expressão emocional e uma conexão profunda com a cultura.

A Comissão Estadual dos Festejos Farroupilhas definiu que “O Pajador – A História do Rio Grande”, de autoria dos compositores Fernando Espíndola (letra) e Thomas Facco (música), será a canção-tema das festividades de 2024. A escolha foi feita em reunião no Galpão Leopoldo Rassier, da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), em Porto Alegre.

A música trata do Centenário de Jayme Caetano Braun, tema dos Festejos deste ano. Seis composições participaram da disputa, que aconteceu por meio de chamada pública promovida pela Secretaria de Estado da Cultura (Sedac). Os membros da Comissão ouviram as canções concorrentes sem saberem quem eram seus autores.

A reunião para a escolha da canção foi conduzida pelo vice-presidente da Comissão, Rogério Bastos, da Fundação Cultural Gaúcha. De acordo com ele, “a canção é importante e necessária porque ajuda a explicar a temática dos Festejos para o público, facilitando o entendimento em relação ao tema escolhido”.

Ao exaltar o Centenário de Jayme Caetano Braun, os Festejos Farroupilhas 2024 buscam destacar a relevância cultural e intelectual desse artista. Ao longo de sua carreira, ele criou diversas payadas, poemas e canções, sempre valorizando o Rio Grande do Sul, a vida campeira, os costumes do gaúcho sul-rio-grandense e a natureza única da região missioneira do estado.

Os compositores da obra escolhida, Fernando Espíndola e Thomas Facco, também são os autores da canção-tema dos Festejos de 2022 e 2023. Eles fazem parte do grupo Alma Gaudéria. Surgida em 2007, em Porto Alegre, a banda já lançou sete álbuns, duas coletâneas e realizou shows/bailes por diferentes unidades da federação, tais como SC, PR, SP, DF e GO, levando a autêntica música do Rio Grande do Sul para o Brasil. Em 2017, com o álbum “Louco por Fandango”, o grupo se firmou como um dos principais nomes da música gaúcha, sendo eleito o Melhor Grupo de Baile daquele ano, com o Troféu Vitor Mateus Teixeira, concedido pela Assembleia Legislativa.

A canção-tema proporciona o elo entre a história do tema proposto para os Festejos Farroupilhas, as raízes da essência cultural do gaúcho e o indivíduo que a cultua, mantendo viva nossa tradição e folclore.

O ano de 2003 foi o primeiro ano em que houve o desfile temático. Na ocasião, havia a necessidade de uma música para embalar o desfile na avenida. Luiz Carlos Borges, então presidente do IGTF – Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, em parceria com Vinícius Brum, compuseram a música *Rio Grande eterno*.

O Primeiro Concurso para a escolha da canção-tema se deu em 2005, e essa seleção se mantém até hoje.

O Pajador – A História do Rio Grande
(Fernando Espindola e Thomas Facco)

Pajada:

Como falar em pajada
Sem Jayme Caetano Braun?
É ele, o referencial!
Que trilhou toda a estrada
E faz uma falta danada
Os versos do professor
Que era mestre em compor
Mas que deixou seu legado
E sempre será lembrado
Dom Jayme “El payador”

Música:

O Rio Grande reverencia
Os versos do missioneiro
Saiu de São Luiz Gonzaga
Das Missões pro mundo inteiro
Cravou seu nome na história
De clássicos foi o autor
Influenciou gerações
O poeta pajador
Num bochincho certa feita
Ou pelo um galpão de estância
O dom de falar rimando
O Jayme trouxe da infância
E neste teu centenário
Pra ti se tira o chapéu
E repetindo os teus versos
Tu'alma brilha do céu

Refrão:

Tua voz ainda ecoa
Por toda a nossa querência
E o povo gaúcho exalta
100 anos de tua existência
Tua poesia vive
Nosso poeta imortal
A história do Rio Grande Tem
Jayme Caetano Braun!

Pajada:

A um bochincho, certa feita
Eu fui chegando de curioso

Música:

A história do Rio Grande

Pajada:

Entre a ponte e o lajeado
Na venda do Bonifácio
Conheci o tio Anastácio

Pajada:

Dom Jayme, no teu centenário
Pra ti se tira o chapéu
E repetindo os teus versos
Tua alma brilha do céu

AS CANÇÕES-TEMA AO LONGO DOS ANOS

- 2003** "Rio Grande eterno"
(Luiz Carlos Borges/Vinícius Brum)
- 2004** "Ideais Farroupilhas"
(Luiz Carlos Borges e Vinícius Brum)
- 2005** "Gaúcho sentimento"
(Erlon Péricles e Carlos Omar Vilela Gomes)
- 2006** "Tradição de glória"
(Erlon Péricles e Carlos Omar Vilela Gomes)
- 2007** "Tradição em movimento" (Érlon Péricles)
- 2008** "Orgulho de um povo"
(Silvio Genro e Duca Duarte)
- 2009** "Façanhas por ideais de farroupilhas imortais" (Albeni Carmo de Oliveira, Francisco Figuera e Clóvis Frozza)
- 2010** "Por legítimos direitos"
(Gustavo Pezzoni Figuera e Clóvis Frozza)
- 2011** "Cantando nossas raízes" (Érlon Péricles e Duca Duarte)
- 2012** "Exaltando nossas riquezas" (Duca Duarte e Érlon Péricles)
- 2013** "Eu sou Rio Grande"
(Gujo Teixeira e Luciano Maia)
- 2014** "Eu sou do Sul"
(Elton Saldanha)
- 2015** "Entre Colônia e Chuí"
(Kininho Dornelles)
- 2016** "República das Carretas" (Erlon Péricles)
- 2017** "Na Chama da Tradição"
(Érlon Péricles)
- 2018** "Tropeando História"
(Erlon Péricles)
- 2019** "Quem descobriu o Rio Grande" (Diego Müller e Érlon Péricles)
- 2020** "Gaúchos sem fronteiras" (Érlon Péricles)
- 2021** "Anita Garibaldi" (Alcy Cheuiche e Marlene Pastro)
- 2022** "Num só lugar"
(Fernando Espindola e Thomas Facco)
- 2023** "Nos tempos de 23"
(Fernando Espindola e Thomas Facco)
- 2024** – "O pajador – a história do Rio Grande" (Fernando Espindola e Thomas Facco)

BIOGRAFIA DE JAYME CAETANO BRAUN

Por Cândido Brasil | Estância da Poesia Crioula

1. ORIGENS

1.1 Histórico Familiar

Nome completo: Jayme Guilherme Caetano Braun

Nome da mãe: Euclides Ramos Caetano Braun

Nome do pai: João Aloysio Thiesen Braun

Avós maternos: Aníbal Antônio Souza Caetano e Florinda do Amaral Ramos Caetano

Avós paternos: Jacob Braun e Guilhermina Thiesen Braun

Jayme Guilherme Caetano Braun nasceu em 30 de janeiro de 1924, às 8h30, na Fazenda Santa Catarina, propriedade de seus avós maternos Aníbal Caetano e Florinda Caetano, na localidade de Timbaúva, então distrito de São Luiz Gonzaga, hoje município de Bossoroca, na região das Missões, no estado do Rio Grande do Sul. Na época, Bossoroca também fazia parte da grande área do 3º distrito de São Luiz Gonzaga, porém com o nome de Igrejinha, Capão da União ou Vila dos Cata-Ventos.

Foi o segundo filho do casal João Aloysio Thiesen Braun e Euclides Ramos Caetano (Dona Quida) e teve como irmãos Maria Florinda, Terezinha, Judite, Zélia, Pedro Canísio e Eurica (filha adotiva).



*Casa onde Jayme Caetano Braun nasceu
(Acervo de Vinícius Ribeiro)*

Seu pai era filho de imigrantes alemães, professor e diretor do Colégio Elementar Pinheiro Machado, de São Luiz Gonzaga, tendo sido também delegado de educação nas cidades de Cruz Alta, Santa Cruz do Sul e Passo Fundo e considerado um homem respeitado nas comunidades por onde passou. Sua mãe era filha de família tradicional pecuarista, da localidade de Timbaúva.

Seus avós maternos eram Aníbal Antônio Souza Caetano e Florinda Ramos Caetano e os avós paternos, Jacob Braun e Guilhermina Thiesen Braun.

Seus pais, João Aloysio e Euclides, casaram-se em São Luiz Gonzaga no ano de 1920 e passaram a residir na Avenida Senador Pinheiro Machado nº 1934, em frente à antiga Praça da Lagoa, atual Praça Cícero Cavalheiro, cuja propriedade pertencia aos avós maternos de Jayme, Sr. Anibal Caetano e Florinda Ramos Caetano.



*O casal João Aloysio Braun e Euclides Caetano
(Acervo de Vinícius Ribeiro)*

Em dezembro de 1923, o casal Braun foi passar as férias escolares na fazenda Santa Catarina, na localidade da Timbaúva, o que era um costume da família. Na ocasião, Dona Euclides Ramos Braun estava grávida, já no sétimo mês, do segundo filho e confiava muito na parteira daquela localidade, Dona Antônia.

Em 30 de janeiro de 1924, o Sr. Anajande Ramos Ribeiro, primo-irmão de Dona Euclides, foi quem chamou a parteira, Dona Antônia, para ir à fazenda Santa Terezinha realizar o parto daquele que viria a ser o maior payador do Rio Grande do Sul: Jayme Caetano Braun.

O segundo filho do casal João Aloysio e Euclides nasceu num quarto junto à sala da casa da Fazenda Santa Terezinha e sua mãe lá permaneceu durante todo o período de resguardo, quarenta dias sem sair, até o retorno para casa, em São Luiz Gonzaga.

Alguns dias após seu nascimento, **Jayme Guilherme Caetano Braun** foi registrado no posto designado em Bossoroca, na época 3º Distrito de São Luiz Gonzaga. No registro, consta que o declarante foi o Senhor Anajande Ramos Ribeiro e que o casal Braun era domiciliado em São Luiz Gonzaga e estava a passeio no Distrito. N° do registro de nascimento: n° A-6; folha: n° 16, n° ordem: 21; data: 07/02/1924.

Jayme viveu sua infância em São Luiz Gonzaga, nas imediações da velha Praça da Lagoa, até os 14 anos. Depois, mudou-se com a família para Cruz Alta devido à transferência do pai, que havia sido designado diretor de escola em 1938.

Quando a família saiu de São Luiz Gonzaga, Dona Euclides estava grávida do seu último filho, Pedro Canísio Braun, que nasceu em Cruz Alta.

Em 1939, foram para Santa Cruz do Sul, com o Senhor Braun sendo delegado de ensino.

De 1940 até 1942, seu pai assumiu o cargo de delegado de ensino em Passo Fundo e ali Jayme viveu dos 16 anos aos 19 anos, completando seus estudos no Colégio Marista Conceição, tendo se alistado no exército, realizado o tiro de guerra e sido liberado, sem servir à corporação. Posteriormente, retornariam para Cruz Alta, local onde seu pai se aposentou e faleceu.

Após a morte do Sr. João Aloysio, a família Braun passou a residir em Porto Alegre e na capital Jayme estudou no **Colégio Estadual Júlio de Castilhos**, o popular Julinho, completando o primeiro ano do Ensino Médio (2º grau), mas desistindo dos estudos no início do segundo ano, por não ser o que almejava.

Em 1943, aos 19 anos, retorna para São Luiz Gonzaga, indo morar na fazenda Santa Terezinha, na Timbaúva, de propriedade de seu primo/tio **Danton Victorino Ramos**, o qual considerava como seu segundo pai.

Danton Ramos era primo-irmão de dona **Euclides** e era casado com Aracy Caetano Ramos, Dona Cecy, irmã de dona Euclides. Ou seja, Danton e Cecy eram primos (casamento de primos era algo comum naquela época), e por isso seu Danton era primo e tio ao mesmo tempo de Jayme.

Na fazenda, Jayme ficou morando e trabalhando até sair para casar-se, em 1947, com Nilda Aquino Jardim.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
Estado do Rio Grande do Sul
OFÍCIO DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
Município de Bossoroca
Rua João Fagundes, nº 252
CEP: 97.850-000 - Fone: (055) 356-1413
Oficial: Bel. Orlando Welter Corrêa
Oficial Substituta: Sandra Maria Nunes Nascimento
Comarca de São Luiz Gonzaga

Sandra M. Nascimento
Oficial Substituta

"CERTIDÃO DE NASCIMENTO"

C
E
R
T
I
D
Ã
O

D
E

N
A
S
C
I
M
E
N
T
O

CERTIFICO, que se acha registrado neste ofício, no livro de Registros de Nascimento de número A-6 (seis), às folhas: 16 (dezesseis), sob número de ordem 21 (vinte e um), o assento de Nascimento de "Jayme Guilherme", nascido no dia trinta (30) de mês de Janeiro do ano de mil, novecentos e vinte e quatro (1924), às oito horas e trinta minutos (08:30hs), do sexo masculino, sendo filho de João Aloysio Braum, e de Euclides Caetano, ambos naturais deste Estado, empregados públicos, domiciliados na cidade de São Luiz Gonzaga, eventualmente neste município.

Sendo avós paternos: Jacob Braum e Guilhermina Thiesen; e avós maternos: Anibal Antonio Caetano e Florinda Ramos.

Serviram de testemunhas: José Francisco Ferreira, empregado público, e Sabino Antunes de Oliveira, viúvo, criador, ambos domiciliados e residentes neste distrito.

Foi declarante o Sr. Anajande Ramos Ribeiro, solteiro, maior, residente neste distrito.

O assento foi lavrado em 07 de fevereiro de 1924.

OBSERVAÇÕES: na coluna de averbações nada consta.
O REFERIDO É VERDADE E DOU FE.

Bossoroca-RS., 09 de agosto de 2005.

Emolumentos: R\$ nihil

O oficial *Sandra M. Nascimento*
Sandra M. N. Nascimento
Oficial Substituta

OFÍCIO DO REGISTRO CIVIL DAS
PESSOAS NATURAIS
Rua João Fagundes, 252 - CEP: 97.850-000
BOSSOROCA



Jayme Caetano Braun na escola em Passo Fundo. Primeira fila, sexto da esquerda para a direita (Acervo de família de Nico Caetano).

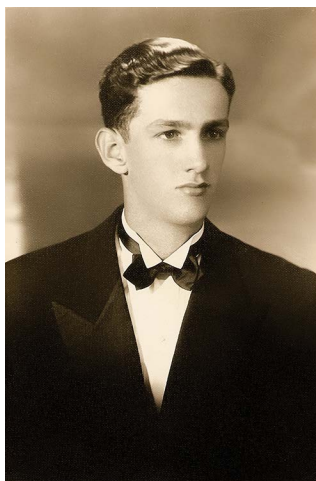


Jayme em 26 de novembro de 1933, na Primeira Comunhão, em São Luiz Gonzaga (Acervo de Aurora Ramos Braun).

1.2 O casamento

Jayme Caetano Braun casou-se com Nilda Aquino Jardim, filha de Rivadavia Romeiro Jardim e Faustina Aquino Jardim, no dia 20 de dezembro de 1947 e passou a morar na fazenda Piraju, de propriedade de seu sogro. Lá permaneceu por pouco mais de um ano, indo morar posteriormente perto dali, na Serrinha, vila distrito de São Luiz Gonzaga, onde possuiu um autêntico bolicho de campanha em que ocorriam rodadas de poesia e música até tarde da noite. Sua residência era nos fundos do comércio.

Jayme manteve o bolicho por quase dois anos e depois passou a residir na cidade de São Luiz Gonzaga, na Rua Marechal Floriano, fundos do hospital de caridade. Ali nasceram seus dois filhos com Dona Nilda: Marco Antonio Jardim Braun e José Raymundo Jardim Braun.



*Jayme na adolescência
(Acervo de Aurora Ramos Braun)*

*Jayme com Luiz Queiroz, em
5 de setembro de 1943, na
Rua da Praia, Porto Alegre
(Acervo de Aurora Ramos
Braun)*



1.3 As vivências política e artística

No final da década de 40, após sua experiência como bolicheiro, Jayme começou a participar de campanhas políticas daqueles que ele admirava, criando versos de improviso.

Seu poema "O Petição de São Borja", referente a Getúlio Vargas, foi publicado na época em revistas e jornais do país.

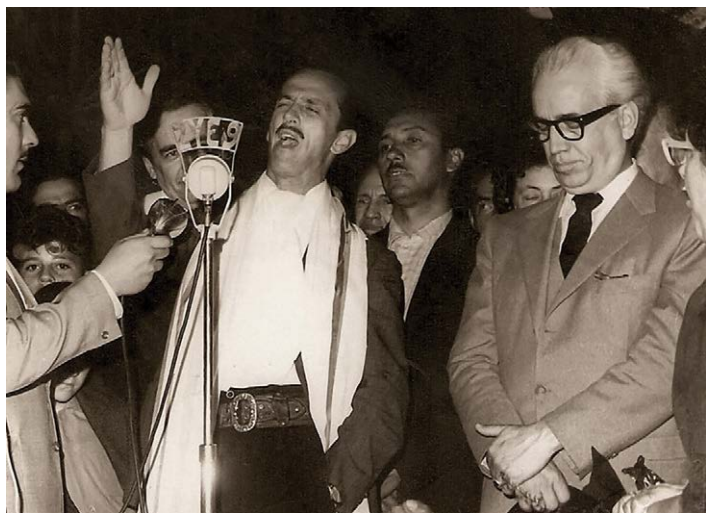
Participou da campanha de seu primo e padrinho político, Ruy Ramos, que era primo-irmão de sua mãe e quem ele considerava como um tio, com o poema "O Mouro do Alegrete".

Nos anos seguintes, participou nas campanhas de Leonel Brizola, João Goulart e Egidio Michaelsen.

Na campanha de Ruy Ramos a deputado federal, Jayme apresentou um programa radiofônico na Rádio São Luiz, contratado pelo seu outro tio Danton Ramos, a fim de divulgar a

candidatura de Ruy, seu irmão. Devido ao sucesso, obtido em grande parte pelos seus versos de improviso, o programa teve continuidade.

Entre 1951 e 1952, a convite de Ruy Ramos, Jayme saiu de São Luiz Gonzaga e foi para Porto Alegre, onde passou a ser funcionário do IPASE – Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, um órgão federal, onde desempenhou a função de Auxiliar de Farmácia e depois Auxiliar de Tesouraria. Mais tarde, passou a atuar no IAPAS, antigo Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social, atual INSS, como Fiscal da Previdência, onde ficou até se aposentar.



Jayme na campanha de reeleição do Deputado Ruy Ramos.

No ano de 1962, incentivado e apoiado por Ruy Ramos, concorreu a deputado estadual pelo PTB, não alcançando votação suficiente para se eleger. Esta passagem política lhe causou mágoas que o acompanharam por muito tempo.

Aos Tradicionalistas

do Rio Grande



Jaime Caetano Braun

P. T. B.

Candidato a

DEPUTADO ESTADUAL

Gracinda nativada
Do velho pago querido
A legenda do seu Partido
Me brilha na sua lista,
Mas é o Tradicionalista,
Do Rio Grande, que te julga,
Orientando o velho país
De encarnadas idéias
Com rememoras de epopéias
E até buracos de baía.
É o gaúcho missionário
Que ainda traça as vibrações—
Das sinas das reduções
No seu linguajar campesino,
E o sândalo gularreiro
De estrofa procederista
Que tem cruzado a existência
Matando ao pé das fogões
Sem mais recomendações
Que o seu amor à Querência.
Traza um Lenço Branco, atado
Nas pontas, como vpra um quero;
Mas que confessa, sincero,
Ses respeito ao Colorado.
E re um dia, perguntado
Qual dos dois é mais genuíno,
Dizta que o Pai Davino
Pra Chibango e Maragato
Pra que fomenta o retrato
Do velho Pago Sulino?
Eradoes não tem, nem ostenta
Condições de honra,
Ses título é o de gaúcho,
Cosa batismo de água benta
Na velha pia repugnante
De cruz de chiborivão.
Ses honra, é o amor ao Chão,
Má vites santificando
Que o gaúcho adormecido
Gostou de lanca na mão.
Gaúcho antigo portado
Agora fiza o meu apelo,
Ando tremendo, de empelo
Pra todo o Rio Grande Baixo
Pra ver se consigo um canto
Lá na Assembleia, Estadual
E preciso, para tal,
Na situação que me amano
Apelos Grossos e outros
De influência Tradicionalista.

JAIME CAETANO BRAUN

*Panfleto de Jayme como candidato a
deputado estadual, 1962.*



*Jaime declamando em campanha política, na década de 1960
(Acervo de Aurora Ramos Braun).*

Imagens da vivência artística



Jayme C. Braun, à direita, e o violeiro Vicente Ribeiro, o 'Garoto de Ouro', na Rádio São Luiz, em 1950 (Acervo de Aurora Ramos Braun).



Noel Guarany ao violão acompanha Jayme (Acervo de Aurora R. Braun).



*Jayme, com o violão,
acompanhado de Gelsa Ramos e
seu esposo, o gaiteiro José Morais
(Acervo de Aurora Ramos Braun).*

*Jayme, Darci
Fagundes,
(no centro);
à esquerda,
Dangremon
Flores, na
Rádio São
Luiz.*



Cenair Maicá, Seu Chaloy e Jayme (Acervo de Aurora Ramos Braun).

Jayme separou-se de sua primeira esposa, Sra. Nilda Jardim, em 11 de julho de 1988, divorciando-se em 26 de junho de 1995.

Casou-se com a Sr.^a Aurora de Souza Ramos (Bréa) em 1º de setembro de 1995, na cidade de Porto Alegre. Teve um enteado: Marcelo Bianchi; da união com Aurora Ramos Braun, registrou um filho: Cristiano Ramos Braun.

Jayme Caetano Braun teve a sua saúde abalada em muitas circunstâncias: quatro pontes de safena, angústias, desilusões e quadros de depressão.

Várias situações no decorrer de sua vida colaboraram para o surgimento de seus problemas de saúde: o pouco caso que faziam de sua obra, o que com o passar do tempo conseguiu superar, assim como as críticas que muitas vezes recebeu. Também foi o desestímulo, por parte de alguns, quando das suas primeiras poesias, outro forte fator a ser superado.

Outro fato determinante foi a decepção no pleito da sua candidatura a deputado estadual em 1959, quando sua mensagem não foi compreendida pelo povo que tanto amava e defendia.

E, por fim, talvez o que mais tenha despedaçado o seu coração tenha sido a dor pela perda de seu filho primogênito, Marco Antonio, aos trinta e poucos anos de idade por abalos no sistema nervoso.

Jayme Caetano Braun faleceu no dia 8 de julho de 1999, às 5h30, aos 75 anos de idade, na clínica São José, em Porto Alegre, vítima de complicações cardiovasculares.

Seu corpo foi velado às 17h no Salão Nobre Negrinho do Pastoreio, no Palácio Piratini, sede do governo estadual gaúcho, e enterrado no cemitério João XXIII em Porto Alegre.

2. INFLUÊNCIAS

2.1 Herança de Família

Jayme Caetano Braun aprendeu a arte de recitar versos de improviso desde sua infância, no seio da sua linhagem materna: a família Ramos. Nas reuniões que ocorriam nas fazendas Santa Terezinha e Santa Catarina, próximas 3,5 km uma da outra, seus avós maternos, tios, tias, primos, primas, homens, mulheres e crianças, recitavam versos como forma de entretenimento.

É extensa a lista de seus parentes que dominavam a arte de declamar, desde o seu tio-avô Laurindo Ramos, poeta e coronel revolucionário, que também trazia essa arte de berço, até os seus demais familiares; dentre os quais destacavam-se as irmãs poetisas Gelsa Ramos Morais e Danci Caetano Ramos.

2.2 O dom do improviso

Nesse ambiente familiar e inspirado, Jayme cresceu vendo os mais velhos improvisarem e aprendeu a desenvolver seu dom e a fazer seus primeiros versos.

A família tinha por costume recitar versos, como forma de entretenimento. Todos sabiam fazê-lo e Jayme, aos poucos, foi se destacando dos demais devido a algo importantíssimo: além do dom divino, ele pensava em forma de versos e gostava de fazer versos.



2.3 O que é uma pajada

A palavra PAYADA, para nós gaúchos brasileiros, **pajada**, é usada nos países *hermanos* Chile (onde chama-se *payá*), Argentina e Uruguai para definir a arte do verso improvisado. Há várias versões sobre a origem dessa palavra.

A **pajada** (pajada) é o verso de improviso de contraponto, comum nos países Chile, Argentina, Uruguai e no sul do Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul, onde o pajador opina sobre algo em versos rimados, geralmente ao som de milonga no violão.

Os versos podem ser em décimas, porém não há essa obrigatoriedade.

A pajada pode ser feita de infinitos temas e o pajador tem a liberdade de discorrer sobre qualquer assunto.

A "**Décima Espinela**", modalidade de versos utilizada na pajada, leva este nome em homenagem ao seu divulgador, Vi-

cente Espinel, poeta, músico e escritor espanhol, que registrou esse estilo de rimas, o qual chamava de “redondilha”, no seu livro “Diversas Rimas” de 1591. Nessa forma, cada estrofe tem 10 versos na sequência de rima ABBAACDDC e cada verso tem sete sílabas. O nome Décima Espinela foi dado pelo seu genial seguidor: **Lope de Vega**, poeta e dramaturgo espanhol.

2.4 Jayme e a pajada

Jayme Caetano Braun fazia versos em vários formatos: quadras, sextilhas, oitavas, porém a partir do contato que ele teve com o poeta uruguaio Sandalio Santos em 1958, se especializou em décimas espinelas.

Jayme fazia poesias, declamava e improvisava e a partir daí também passou a compor a original pajada, que é de contraponto, onde um pajador contrapõe o outro em versos rimados.

Mesmo sem ele próprio tocar instrumentos em suas apresentações, sempre teve grandes guitarreiros (violonistas) amadrinhando suas obras.

Sua presença de palco e improvisação, sem contraponto, sem confronto, em um ritmo próprio, sem atropelo e nem a necessidade de “superar” o outro, eram destaque para todas as plateias.

2.5 Algumas pajadas memoráveis

Jayme Caetano Braun fez apresentações de contraponto memoráveis com improvisadores internacionais: duas com o mestre uruguaio **Sandalio Santos**, uma com **Argentino Luna** e duas com o também argentino **Manuel Rosas**, conhecido como *El Brujo*, e se apresentou com maestria em todos os duetos fazendo pajadas também em espanhol.

Houve outro dueto inesquecível do Jayme, relatado por **Pedro Ortaça**, que presenciou o encontro dele com o mestre da trova **Gildo de Freitas** no ano de 1976, em um aniversário do pajador na fazenda **Santa Terezinha das Rosas**, que foi do seu tio, Sr. **Danton Ramos** e hoje pertence ao seu filho, Sr. Juca Ramos.

Na oportunidade, **Jayme** improvisava em décimas e o **Gildo** respondia em trovas. Ambos, o pajador e o trovador, eram admiradores um do outro e até então não se conheciam.



*Nicasio García Berisso, vulgo **Sandalio Santos**, poeta, escritor e jornalista uruguaio foi quem apresentou a décima espinela a Jayme Caetano Braun no 2º Congresso de Poetas Crioulos da Estância da Poesia Crioula, em Caxias do Sul, no ano de 1958.*

3. JAYME CAETANO BRAUN ESCRITOR

Jayme teve o seu primeiro poema publicado no jornal *A Notícia*, de São Luiz Gonzaga, em 10 de janeiro de 1942 (pesquisa realizada pelo Instituto Histórico de São Luiz Gonzaga), com o título "Ao prezado Monsenhor Wolski".

Seu primeiro livro, *Galpão de Estância*, foi produzido em 1954 pela **Gráfica Porto Seguro**, pertencente ao jornal *A Notícia* de São Luiz Gonzaga.

Sobre essa primeira edição, no livro *Centenário de José Grisólia* (2010), de José Grisólia Filho, o autor relata que, após vários poemas terem sido publicados no jornal, surgiu a necessidade de Jayme ter seu livro editado, e o fundador e proprietário do jornal, Sr. José Grisólia, abraçou a confecção da obra, fazendo um contrato com o Jayme no qual o jornal se responsabilizava pelos custos da publicação e pela distribuição da obra em todo estado.

O artista não teve despesas e coube a ele participação nos lucros.

Para a distribuição da obra em todo o estado, o jornal *A Notícia* designou seu colaborador **Ires Cruche Ramos** para percorrer as cidades por trem e ônibus. A partir deste livro, surgiu então o novo empreendimento do Sr. José Grisólia: a Gráfica Porto Seguro, que mais tarde passou a se chamar Gráfica A Notícia.

Jayme foi o **primeiro autor e único** que teve esse tratamento de estrela literária pela gráfica do jornal.

Na capital, o primeiro jornal a publicar seus poemas foi o *A Hora*, que dedicava toda semana uma página em cores exclusiva ao poeta.

Os direitos autorais recebidos de seus vários livros e discos serviram como complemento de renda, pois o poeta, como muitos que trabalham com a arte, enriqueceu mais a alma do que os bolsos.

Ao Prezado Monsenhor Estanislau Wolski

S. Luiz, vilinha nascente,
Assistiu, toda contente,
A chegada de um viajante
Que num gesto temerário
Tinha vindo de Vigário
Naquele logar distante.

II

Moço ainda, pregador
(...) bom Monsenhor
Afeição se àquele chão.
Gostava daquela gente,
Tão simples, tão inocente,
Que tomava chimarrão.

III

Montado no seu cavallo
Perfazis, sem abalo,
Léguas e léguas sozinho.
Se apueteia, se apeava
E nos arreios pousava
Lá a beira do caminho.

IV

Às vezes em pleno inverno,
Um barral que era um
inferno,
Cobrinho a crosta do chão,
Lá se ia o missionário
Com seu zelo extraordinário
Ouvir uma confissão.

V

Tormentas de erguerem as
casas,
Frios de apagarem brasas.
Isso tudo era bobagem.
Cruzava sangas a nado
Pra fazer um batizado:
Isso sim que é ter coragem.

VI

Na dilatada campina,
(...) de grama fina

Varrida pelo pampelro,
A liberdade reinava
E (...) somente campereava
O (...) campeiro.

VII

Em lugar de laçar bois
Para marcá-los depois,
Cóa marca quente a chiar
Ele pegava os pagãos
Para fazê-los cristãos
E o mesmo Deus adorar.

IX

Como Nóbrega e Anchieta
Com sua humilde roupeta
Trabalhava com ardor.
Nas fazendas a que chegava
Até a peonada gritava:
Lá vem vindo o Monsenhor.

X

No jornadejar missionário,
Desse Padre Extraordinário,
Erriçado de perigos,
No rincão onde passava,
Era certo que deixava
Grande número de amigos.

XI

Um deles se destacava,
Era campeiro e morava
Na amplidão do campo vago
Meu avô Anibal Caetano,
Gáucho sincero e lhano,
Um velho cerne do pago.

XII

Campeiro dos mais antigos
Que desafiara os perigos
Daquela região selvagem
Na alegria e na desgraça
O velho tronco da raça
Mostrava a mesma coragem.

XIII

Vinte anos são passados
Que àqueles pagos, banhados
Por um sol quente e brilhante
O pequenino povoado
Assistira alvorotado
A chegada de um viajante.

XIV

E hoje o povo todo chora,
Pois, o Padre foi embora,
Deixando a terra adorada
Que tanto tempo vibrara
Sob a palavra tão clara
Daquela pessoa honrada.

XV

Tais serviços não se paga
E hoje São Luiz Gonzaga
Se recôrda com saudade
Daquela apostolo santo
Que havia ajudado tanto
No progresso da cidade.

XVI

Por ele fui batizado
E hoje, disto lembrado,
A ele que não esqueço,
Como prova de afeição,
De amizade e gratidão,
Estes versos ofereço.

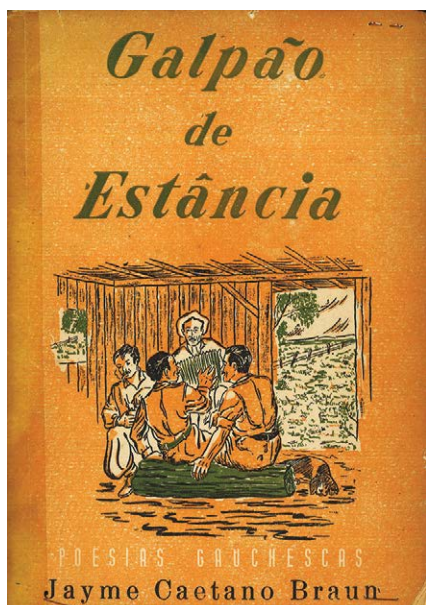
XVII

O onomástico, em Novembro
Se bem ao certo me lembro,
Ele vai comemorar.
E eu, antecipadamente,
Em nome da minha gente
O venho felicitar.



As trovas, acima, são do ginásiano São-Luizense, filho do Delegado Regional de Ensino, em Passo Fundo.
(...) Os trechos com o referido símbolo encontram-se ilegíveis, não sendo possível reproduzi-los.

Seus ídolos na poesia foram: Laurindo Ramos (tio-avô); Juca Ruyvo; Balbino Marques da Rocha; João Vargas do Alegrete; Vargas Netto e os insuperáveis Atahualpa Yupanqui e José Hernández, autor do *Martín Fierro*.



Capa da primeira edição do primeiro livro de Jayme Caetano Braun, *Galpão de Estância*, com prefácio do Deputado Ruy Ramos.

Publicado em 1954, pela Gráfica Porto Seguro (pertencente ao jornal *A Notícia*), São Luiz Gonzaga.

OBRAS INDIVIDUAIS

- * *Galpão de estância – Versos* (1ª ed. 1954 e 7ª ed. 1983)
- * *De fogão em fogão* (1ª ed. 1958 e 7ª ed. 1981)
- * *Potreiro de guaxos* (1ª ed. 1965 e 7ª ed. 1983)
- * *Vocabulário pampeano em versos – Pátria, fogões e legendas* (1973)
- * *Bota de garrão* (1ª ed. 1979 e 2ª ed. 1982)
- * *Brasil Grande do Sul – Payadas* (1966)
- * *Paisagens perdidas* (1ª ed. 1966 e 1987)
- * *Vocabulário Pampeano – pátrias, fogões e legendas* (1988)
- * *Payador e tropeiro* (1990)
- * *Antologia poética – 50 anos de poesia* (1996)
- * *Payadas & Cantares – Resgate da obra* (2003)

PARTICIPAÇÕES

- * *Perfis de Musas, Poetas e Prosadores Brasileiros*, 2º Vol. Antologia organizada por Alzira Freitas Tacques (1956)
- * *Antologia da Estância da Poesia Crioula* (1ª ed. 1970 e 2ª ed. 1987)

CITAÇÕES

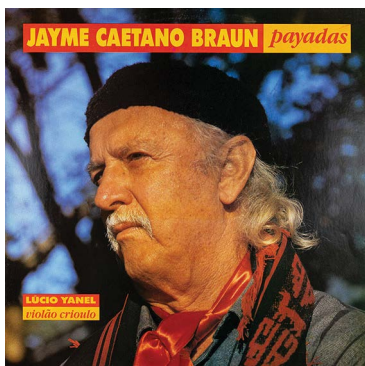
- * *Notas de bibliografia sul-rio-grandense – Autores* (1974) e *Dicionário bibliográfico gaúcho* (1991), ambos organizados por Pedro Leite Villas-Bôas
- * *Dicionário de regionalismo do Rio Grande do Sul*, de Zeno Cardoso Nunes e Ruy Cardoso Nunes
- * *Escritores do Rio Grande do Sul* (1978), de Ari Martins
- * *Quem é quem nas letras rio-grandenses: dicionário de autores contemporâneos* (2ª ed., 1983), de Sergio Faraco e Blasio Hickmann.
- * Vários sites, blogs e páginas na internet

PARCEIROS MUSICAIS

Junto com Noel Guarany, Cenair Maicá e Pedro Ortaça, Jayme Caetano Braun é um dos “Troncos Missioneiros”, título dado pela gravadora USA discos e aceito pelos quatros artistas quando gravaram o LP “Troncos Missioneiros”.

O quarteto é considerado fundador do estilo musical chamado Missioneiro, marca registrada da região das Missões do Rio Grande do Sul, na qual viviam e que procuravam com sua arte divulgar. Essa maneira entusiasta de cantar sua terra foi pioneira, fez estrada e seguidores no Rio Grande do Sul. Dentre seus companheiros e parceiros musicais, destacam-se: Noel Guarany, Cenair Maicá, Pedro Ortaça, Lucio Yanel, Glênio Fagundes, Chaloy Jara e Gilberto Monteiro.

Capa do LP *Jayme Caetano Braun - payadas*. ACIT, 1993, Porto Alegre.



DISCOGRAFIA

- * *Payador, Pampa e Guitarra, de Noel Guarany* (1974) – convidado especial
- * *Payadas* (1984)
- * *A volta do payador* (1984)
- * *Troncos Missioneiros* (1987), junto com Noel Guarany, Cenair Maicá e Pedro Ortaça
- * *Poemas gaúchos* (1993)
- * *Payadas* (1993)
- * *Paisagens perdidas* (1994)
- * *Jayme Caetano Braun* (1996)
- * *Acervo gaúcho* (1998)
- * *Êxitos 1* (1999)
- * *Payada, Memória & Tempo* (2006) – resgate do acervo de Jayme
- * *Payada, Memória & Tempo Vol. 2* (2008) – resgate do acervo de Jayme
- * *A Volta do Farrapo* (2008) – resgate do acervo de Jayme

É coautor do Hino a Caxias do Sul, em parceria com Walter Spalding, Aparício Silva Rillo e Alfredo Costa Machado, com música e arranjo de Eleonardo Caffi.

4. JAYME CAETANO COMUNICADOR

4.1 Programas radiofônicos em que trabalhou

Em 1948, Jayme iniciou, na Rádio São Luiz, o programa “Galpão de Estância” (existente até os dias atuais), junto com Dangremon Flores e Darci Fagundes. Deste nome veio a surgir mais tarde o primeiro CTG em São Luiz Gonzaga, chamado CTG Galpão de Estância, um dos mais antigos do estado. Jayme foi um dos fundadores e seu tio materno **Antônio Caetano Sobrinho** (Nico Caetano) foi o primeiro patrão.



*Jayme Caetano Braun é o 6º da esquerda para a direita.
(Acervo Memorial e Biblioteca Jayme Caetano Braun do CTG Galpão de Estância, em São Luiz Gonzaga)*

A partir de 1973, participa do programa semanal Brasil Grande do Sul, na Rádio Guaíba, durante quinze anos, com acompanhamento ao violão de Noel Guarany, Amauri Beltrão de Castro e Pedro Ortaça, sendo este o artista que mais tempo o acompanhou no programa.

Foram lançado três discos com acervos raros desse programa: **"Jayme Caetano Braun – Payada, memória e tempo" volumes 01, 02 e 03.**

5. PARTICIPAÇÃO EM ENTIDADES CULTURAIS

Em 1957, nos dias 28, 29 e 30 de junho, nas dependências do Salão de Conferências da Associação Rio-Grandense de Imprensa, Jayme Caetano Braun participou do 1º Congresso de Poetas Crioulos, evento onde se originou a Estância da Poesia Crioula, vindo a ser sócio fundador e, posteriormente, o terceiro presidente da entidade, na gestão 1960-1961, passando a conviver com os grandes literatos e artistas da época.

No 1.º Congresso de Poetas Crioulos, Jayme presidiu a Comissão de Estudo das Correntes da Poesia Gauchesca: Lirismo, Epicismo, Pastoralismo, Didaticismo, Pajadorismo, Epigrama e Sátira, incluindo entre os temas "Os vultos exponenciais em cada época e corrente" e "A década farroupilha e tendências atuais". Seus assessores nessa comissão foram: Dimas Costa, João Araújo Pio de Almeida e Vasco Mello Leiria.



Estancia da Poesia Crioula

Presidente de Honra: — Poeta Vargas Neto
Presidente: — Dr. Hugo Ramirez
Vice-Presidente: — Dr. Guilherme Schultz Filho
Secretário Geral: — Luiz Alberto Ibarra
Secretário de Atas: — Prof. Maximiliano Bottari
Diretor de Edições e Publicidade: — Lituro Rodrigues
Diretor de Museu, Biblioteca e Arquivo: — Ciro Gavião
Diretor de Finanças: — Jaime Caetano Braun

CONSELHO DELIBERATIVO

Olinto Sanmartim
Pery de Castro
Walter Spalding
Suplente — Dorval Arregui

CONSELHO FISCAL

Dr. Vasco Leira
Dr. José de Barros Vasconcellos
Rui Cardoso Nunes
Suplente — Dimas Costa

Diretoria em 4 de julho de 1957

OS POETAS GAÚCHOS

"PARAM RODEIO"

EM PÔRTO ALEGRE

<p>Poeta Hugo Ramirez criador e pres. da EPC (Estância da Poesia Crioula)</p>	<p>Vargas Neto «Príncipe dos Poetas Gaúchos» e Pres. de Honra da EPC</p>	<p>Guilherme Schultz, F.o, o conhecido poeta do «Rodeio das Águas».</p>	<p>Jaime Caetano Braun, «a voz mais xucra do págão».</p>
---	--	---	--

Exme. Sr.

DR. LEONEL DE MOURA BRIZOLA

DD. Governador de Estado de Rio Grande de Sul,
Palácio Piratini

Nesta Capital.

Excelência,

Honra-nos levar ao vesse conhecimento que, a "Estância da Poesia Crioula", por ocasião da realização de IV^a Redeio de Poetas Crioulos, nos dias 27, 28 e 29 de Junho findo, no Salão Nobre da Associação Rio-grandense de Imprensa, - escolheu e deu posse, em reunião selene, a nova Diretoria que regerá os seus destinos sociais no período de Julho de 1960 - a Julho de 1961, a qual ficou assim constituída:

Presidente - Jayme Caetano Braun

Vice-Presidente - Alfredo Costa Machado

Secretário-Geral - José Paim Brites

Tesoureiro - Cyro Gavião, e,

Bibliotecário - Irene Luz Ribeiro.

C O N S E L H O

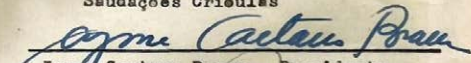
Pery de Castro, Dr. João Otavio Nogueira Leiria, Dr.

Roberto Osério Júnior, Dr. José Barros de Vasconcelos,

Dr. Freta Barcelos e Nitheray Ribeiro.

Com pretestes de alta consideração e respeitose aprêço, subscrevemo-nos, atenciosamente, com

Saudações Crioulas


Jayme Caetano Braun - Presidente.


José Paim Brites - Secretário-Geral.

Ofício da Estância da Poesia Crioula, firmado pelo presidente Jayme Caetano Braun, dirigido ao Governador Leonel Brizola, comunicando a composição da Diretoria da entidade no período julho de 1960 a julho de 1961.

Galeria dos Presidentes



Foi um dos fundadores do conselho coordenador do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), sendo presidente de janeiro a maio de 1960 e de agosto de 1961 a janeiro de 1963.

De 1959 a 1963, a convite do então governador Leonel Brizola, foi Diretor da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. No local, foram realizadas todas as solenidades de lançamento de livros de escritores e poetas que a Estância da Poesia Crioula promoveu. O Salão Mourisco foi palco de reuniões memoráveis. A vida cultural do Rio Grande do Sul foi animada com intensidade e proficiência por Jayme, que deixou nos registros de sua administração a restauração do Salão Mourisco e do Salão Egípcio e a criação de referência da instituição.



Jayme e seu irmão, Pedro Canísio, na Biblioteca Pública do Estado do RS. Acervo: Adriana Braun (sobrinha)

6. HOMENAGENS RECEBIDAS

Jayme Caetano Braun foi homenageado por artistas através da gravação de trabalhos como:

* *CD Sol das missões – Tributo a Jayme Caetano Braun*, de Paulo de Freitas Mendonça

* *LP Tributo a Jayme Caetano Braun*, de Geraldo do Norte

* *CD Galo Missioneiro*, de Pedro Ortaça

* *O Grande Payador*, livro do Escritor Nei Fagundes Machado

* O Escultor Vinícius Ribeiro criou e realizou três esculturas em sua homenagem: em 2005, uma estatueta de 1m, feita em concreto armado e que está no CTG Galpão de Estância, em São Luiz Gonzaga; em 2006, uma estátua de 2 metros de altura em concreto armado que está no Parque Maurício Sirotsky Sobrinho/Parque Harmonia (Acampamento Farroupilha) em Porto Alegre; em 2009, o monumento em sua cidade natal, São Luiz Gonzaga, de 6 metros de altura, em concreto armado, em movimento li-



CTG Galpão de Estância, 2005.



Inauguração da estátua em 2006, Parque da Harmonia. Foto: cortesia de Vinícius Ribeiro.



Estátua de Jayme C. Braun, 2009. Complexo Turístico Jayme Caetano Braun, São Luiz Gonzaga.

derado pelas entidades culturais CTG Galpão de Estância, jornal A Notícia, Casa do Poeta, Atelier Los Libres e Prefeitura Municipal, e que está localizado no trevo da CESA, junto à BR 285, onde foi construída uma praça que possui um traçado em J e B, iniciais do seu nome.

* Na data de seu aniversário, 30 de janeiro, foi instituído em sua homenagem o “Dia do Payador”, através da lei estadual Nº 11.676/01, de autoria do Deputado Estadual João Luiz Vargas, por iniciativa do poeta e pajador Paulo de Freitas Mendonça.

Além disso, recebeu ao longo de sua carreira inúmeras premiações e homenagens: Destaque Especial no Prêmio Açorianos de Música (1997), Troféu Simões Lopes Neto, Medalha Negrinho do Pastoreio, maior honraria concedida pelo Governador do Estado (1997), Troféu Laçador de Ouro (1997).

Seu nome está em Brasília, no Centro-Oeste brasileiro, no CTG Jayme Caetano Braun. Em Santana do Livramento (RS), existe o Piquete Tradicionalista Gaúcho Jayme Caetano Braun.

Em Pedro Osório (RS), no Colégio Getúlio Vargas, está o CTG Jayme Caetano Braun. Em Porto Alegre, o Galpão do IGTG – Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore leva o seu nome. Também na capital gaúcha, a elevada da 3ª Perimetral, sobre a Av. Nilo Peçanha, recebe o nome de Jayme Caetano Braun.

Jayme Caetano Braun é nome de rua em São Luiz Gonzaga, São Leopoldo, Canoas e Santa Maria.

Praças têm o nome de Jayme Caetano Braun em São Luiz Gonzaga, Gravataí e Passo Fundo.

É o patrono da cadeira nº 34 da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves, de Porto Alegre e da cadeira de nº 21 na Academia de Letras e Artes de Porto Alegre.

Foi homenageado na 2ª Quadra da Sesmaria Gaúcha do Festival de Poesias de Osório (RS), em 1997.

A União Brasileira de Trovadores (UBT) concede a Medalha Jayme Caetano Braun, do Mérito Gaúcho, aos profissionais de comunicação que se destacam na difusão da arte e cultura gaúchas. O título é concedido bienalmente.

A Casa do Poeta Rio-Grandense concede a Medalha Jayme Caetano Braun a seus destaques culturais.

A prefeitura de Bossoroca outorga a “Medalha Jayme Caetano Braun” anualmente às pessoas que prestarem grandes serviços à cultura gaúcha.

A Secretaria Municipal de Turismo e Cultura de São Luiz Gonzaga e o Conselho Municipal de Turismo (COMTUR), com o apoio do Conselho Municipal de Cultura, outorgam a “Medalha do Pajador” a entidades e pessoas que trabalham na preservação do legado de Jayme Caetano Braun e na divulgação da cultura gaúcha.

Jayme foi escolhido como patrono da Feira do Livro de São Luiz Gonzaga em 1994.

Em Sapucaia do Sul, ocorre o festival de Trova Mi Maior de Gavetão e a Pajada Jayme Caetano Braun, reunindo trovadores e pajadores de todo o Rio Grande do Sul.

O Festival Encantadas da Canção Gaúcha oferece para a Melhor Letra o Troféu Jayme Caetano Braun.

Em Piratini, há o Grupo de dança Jayme Caetano Braun.

Em 2015, na cidade de Santa Maria, durante o consagrado festival Tertúlia Musical Nativista, na sua XXII edição, foi criada a TERTÚLIA DA POESIA, festival poético, uma promoção/realização da Prefeitura Municipal de Santa Maria, do Galpão da Poesia Crioula e do CPF Piá do Sul, onde o Melhor Poema é contemplado com o Troféu Jayme Caetano Braun.

Em Porto Alegre está localizado o Centro Profissional Jayme Caetano Braun, edifício comercial de seis pavimentos, composto por dezoito conjuntos comerciais e uma loja, situado na Rua Joaquim Nabuco, 110 – Bairro Cidade Baixa, concluído em 2009.

No 56º Rodeio de Poetas Crioulos, em comemoração aos 55 anos de fundação da Estância da Poesia Crioula, Jayme foi homenageado com a Medalha Vargas Neto, in memoriam, recebida por sua irmã Zélia Braun.

Em 2011, a Estância da Poesia Crioula criou em homenagem ao poeta o Concurso de Poesia Gauchesca Jayme Caetano Braun.

Em 2016, foi realizado o lançamento do vídeo documentário sobre a vida e a obra de Jayme Caetano Braun, com a presença de convidados, amigos e admiradores do payador. A obra, produzida pela jornalista Karin Schmidt, com o apoio da Chefe do Setor de Turismo Sandra Ferreira e do escultor Vinícius Ribeiro, foi apresentada em uma das salas do Complexo Turístico Cultural Jayme Caetano Braun, em São Luiz Gonzaga, como forma de proporcionar um local de visitação e preservação da memória de nosso maior payador.

O poema "Bochincho", considerado o mais destacado do poeta na história do cancionero gaúcho, foi adaptado em um curta-metragem, com roteiro de Thiago Suman e Guilherme Suman e direção de Guilherme Suman, que estreou em 2020 no **48.º Festival de Cinema de Gramado** entre as 19 obras classificadas para a Mostra Gaúcha de Curtas-Metragens.

A Confraria do Tropeiro, produtora cultural sediada em Fraiburgo, em Santa Catarina, lançou o álbum Tributo ao Payador, com 12 poemas inéditos, de autoria de nomes reconhecidos da poética regional, voltados ao resgate e enaltecimento da memória do poeta missioneiro. O álbum conta com versos de Bianca Bergmam, Cândido Brasil, Carlos Omar Villela Gomes, Chico Fontella, Igor Silveira, João Sampaio, Matheus Bauer, Os-

mar Ransolin, Paulo de Freitas Mendonça, Pedro Júnior da Fontoura, Rômulo Chaves, Rodrigo Bauer, Sérgio Carvalho Pereira e Vaine Darde, com interpretação de Pedro Júnior da Fontoura e participações de Osmar Ransolin e Chico Fontella, com amadrinhamento dos violões de Kayke Mello e Jean Carlo Godoy. Duas faixas do álbum têm a gaita missioneira de Leandro Rodrigues. A obra está disponível nas plataformas digitais.

A Lei n.º 16.064, de 13 de dezembro de 2023, de autoria do deputado estadual Eduardo Loureiro (PDT), declara 2024 como Ano do Centenário de Jayme Caetano Braun.

O Decreto nº 57.354, de 8 de dezembro de 2023, assinado pelo Governador do Estado, Eduardo Leite, foi publicado no Diário Oficial do Estado e institui o ano de 2024 como o Centenário de Jayme Caetano Braun.

7. HERANÇA CULTURAL DEIXADA POR JAYME CAETANO BRAUN

Jayme Caetano Braun é considerado o maior payador brasileiro, sendo prestigiado também na Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia.

Em seus versos, retratou, com conhecimento de causa, os hábitos, costumes e vicissitudes do homem campeiro do sul do Brasil. O peão de estância, o gaúcho andarilho, o índio missioneiro e muitas outras figuras regionais ganharam vida em seus poemas.

A formação dos Sete Povos das Missões, a epopeia farroupilha, foram alguns dos seus muitos temas.

Eterno filósofo galponeiro, em suas reflexões, buscou as respostas da existência na visão do homem simples.

Sua temática ia da raiz às estrelas, sendo ao mesmo tempo regional e universal; seus versos, mescla de história, costumes e atualidades, exaltaram a vida do homem excluído, pobre e oprimido. Foi a voz contra as injustiças e desmandos da sua aldeia e do mundo.

Jayme Caetano Braun é responsável pelo surgimento do Movimento Pajadoril Gaúcho e inspiração para novos aspirantes desta arte do improviso.

Seu talento é comparável aos principais improvisadores e decimistas do mundo, como Índio Nabori, de Cuba; Carlos Molina, do Uruguai e Miguel Candiota, da Espanha.

Jayme Caetano Braun abre com seu poema "Chimarrão e Poesia", representando a payada, o CD da maior pesquisa sobre a poesia oral de improviso no Brasil, chamada "Na Ponta do Verso", lançado em 2008, no Rio de Janeiro, em livro e disco.

Por sua maneira cativante de se apresentar, o **Conselho de Turismo de São Luiz Gonzaga**, o **Conselho de Cultura de SLG** e

a **Secretaria de Turismo e Cultura do município** anunciaram que no próximo "**Festival de Trovas e Pajadas de São Luiz Gonzaga**", que ocorre junto aos pés do monumento ao Pajador, será incluída uma nova categoria na modalidade de versos em décimas no Festival, além da já existente **Pajada**. Esta nova modalidade receberá o nome de "**Versos Improvisados**" no estilo **Jayme Caetano Braun!**

Jayme Caetano Braun é considerado o patrono do Movimento Pajadoril no Brasil.

FONTES

- <http://blogradiotertulia.blogspot.com.br/2010/07/jayme-caetano-braun-cruz-alta.html>
- <http://gafnovorumo.blogspot.com.br/2009/07/jayme-caetano-braun.html>
- <http://galpaopatriaepoesia.blogspot.com.br/2015/02/jorge-guedes-verdadeira-expressao-do.html>
- <http://jaymecaetanobraun.blogspot.com.br/>
- <http://pompeo.com.br/tributo-payador/>
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Jaime_Caetano_Braun
- <http://radiofronteiragaucha.blogspot.com.br/2013/04/o-poema-bochincho-de-jayme-caetano.html>
- <http://seer.ufrgs.br/paraonde/article/viewFile/36494/23908>
- <http://wp.clicrbs.com.br/almanaquegaucho/2014/12/03/7832/?topo=13,1,1,,,13>
- <http://www.anoticia.com/noticias/geral/id/5226/jayme-caetano-braun-sera-homenageado--quintafeira-.html>
- <http://www.anovademocracia.com.br/no-27/563-gaucho-sem-fronteiras>
- http://www.clicrbs.com.br/blog/pdf/2781_original.pdf
- <http://www.comnet.com.br/blogs/vis/vis/vis/?v=3&g=1785>
- <http://www.guiasaoluiz.net/2012/06/56495/>
- <http://www.jornaldasmissoes.com.br/noticias/geral/id/2526/2-tributo-a-musica-missioneira-sera-realizado-no-m.html>
- http://www.riogrande.com.br/rio_grande_do_sul_a_poesia_de_jayme_caetano_braun-o137139.html
- <http://www.saoluizgonzaga.rs.gov.br/VisualizaConteudo.aspx?ID=798>
- <https://pt-br.facebook.com/JaymeCaetanoBraun>
- <https://viniciusribeiroescultor.blogspot.com/>
- <https://www.facebook.com/jayme.caetanobraunmito>
- <https://www.facebook.com/JaymeCaetanoBraun>
- <https://www.facebook.com/pages/Jayme-Caetano-Braun/152125821478688>

Poemas

Jayme Caetano Braun

China (1958)

A maior das gauchadas
Que há na Sagrada Escritura
Falo como criatura
Mas penso que não me engano!
É aquela, em que o Soberano
Na sua pressa divina
Resolveu fazer a china
Da costela do Paisano!

Bendita china gaúcha
Que és a rainha do pampa
E tens na divina estampa
Um quê de nobre e altivo
És perfume, és lenitivo
Que nos encanta e suaviza
E num instante escraviza
O índio mais primitivo!

Fruto selvagem do pago
Potranquita redomona
Teus feitiços de madona
Já manearam muito cuera
E o teu andar de pantera
Retovado de malícia
Nesta querência patrícia
Fez muito rancho tapera!

Refletem teus olhos negros
Velhas orgias pagãs
E a beleza das manhãs
Quando no campo clareia
Até o sol que te bronzeia
Beijando-te a estampa esguia
Faz de ti, prenda bravia
Uma pampeana sereia!

Jamais alguém contestou
O teu cetro de realeza!
E o trono da natureza
É teu, chinoca lindaça
Pois tu refletas com graça
As fidalgas Açorianas
Charruas e Castelhanas
Vertentes Vivas da Raça!

A mimosa curvatura
Desse teu corpo moreno
É o pago em ponto pequeno
Feito com arte divina
E o teu colo que se empina
Quando suspiras com ânsia
São dois cerros na distância
Cobertos pela neblina

Quem não te adora o cabelo
Mais negro que o picumã?
E essa boca de romã
Nascida para o afago
Como que a pedir um trago
Desse licor proibido
Que o índio bebe escondido
Desde a formação do Pago?

Pra mim tu pealaste os anjos
Na armada do teu sorriso
Fugindo do Paraíso
Para esta campanha agreste
E nalgum ritual campestre
Por força do teu encanto
Transformaste o pago santo
Num paraíso terrestre!

Tio Anastácio (1958)

Entre a ponte e o Lajeado
Na venda do Bonifácio
Conheci o tio Anastácio
Negro velho já tordilho
Diz que muy quebra em potrilho
Hoje pobre, despilchado
De tirador remendado
Num petiço douradilho

Quem visse o tio Anastácio
Num bolincho de campanha
Golpeando um trago de canha
Oitavado no balcão
Tinha bem logo a impressão
Que aquele mulato sério
Era o Rio Grande gaudério
Fugindo da evolução!

A tropilha dos invernos
Tinha lhe dado uma estafa
E aquela meia garrafa
Dentro do cano da bota
Contava a história remota
Do negro velho curtido
Que os anos tinham vencido
Sem diminuir na derrota

Mulato criado guacho
Nos tempos da escravatura
Aquela estranha figura
Na vida passara tudo
Ginetaço macanudo
Já desde o primeiro berro
Saía trançando ferro
No potro mais colmilhudo!

Carneava uma res, num upa
Com toda arte e perícia!
Reservado e sem malícia
Negro de toda a confiança
Bem quisto na vizinhança
Dava gosto num rodeio
De pingo alçado no freio
Pealando de toda trança

Tinha cruzado as fronteiras
Da Argentina e do Uruguai
Andara no Paraguai
Peleando valentemente
E voltara, humildemente
Como tantos índios tacos
Que foram vingar nos chacos
A honra da nossa gente!

Caboclo de qualidade
Que não corpeava uma ajuda
Na encrenca mais peleaguda
Sempre conservava o tino
Garrucha boca de sino
Carregada com amor
E um facão mais cortador
Do que aspa de boi brasino!

Porém depois que os janeiros
Foram ficando a distância
Andou, de estância em estância
E foi vivendo de changa
Repontando bois de canga
Castrando com muita sorte
E em tempos de seca forte
Arrastando água da sanga

Ficou sendo um desses índios
Que se encontra nos galpões
E ao redor dos fogões
Fala aos moços, com paciência
De que aprendeu na existência
Ao longo dos corredores
Alegria, dissabores
Curtido pela experiência!

Tio Anastácio pr'aqui
Tio anastácio pra lá
Mandado mesmo que piá
Por aquela redondeza
Nos remendos da pobreza
Entrava e passava inverno
Como um tronco só no cerno
Pelegueando a natureza!

Por isso é que nos bolinhos
Só se alegrava bebendo
Como se cada remendo
Da velha roupa gaudéria
Fosse uma sangria séria
Por onde o sangue do pago
Se esvaísse, trago a trago
Por ver tamanha miséria!

E até parece mentira
Negro velho de valor!
Morreste no corredor
Como matungo sem dono
Não tendo neste abandono
Ao menos um companheiro
Que te estendesse o baixeiro
Para o derradeiro sono!

E agora que estás vivendo
Na estância grande do céu
Engraxando algum sovéu
Pra o patrão velho buenacho
Não te esquece aqui de baixo
Onde alolargo ainda existe
Muito xiru velho triste
Como tu, criado guacho!
Como tu, tio Anastácio

Bochincho (1966)

A um bochincho, certa feita
Eu fui chegando de curioso
Que o vício é que nem sarnoso
Nunca para, nem se ajeita
Baile de gente direita

Eu vi de pronto que não era
Na noite de primavera
Gaguejava a voz dum tango
E eu sou louco por fandango
Que nem pinto por quirera!

Atei meu baio longito
Num galho de guamirim
Desde guri eu fui assim
Não brinco nem facilito
Em bruxas não acredito

¡Pero que las hay, las hay!
Eu sou da costa do Uruguai
Meu velho pago querido
E, por andar desprevenido
Há tanto guri sem pai

No rancho de santa-fé
De pau-a-pique, barreado
Num trancão de convidado
Eu me entreverei no banzé
O chinaredo a bolapé

No ambiente fumacento
Um candeeiro, bem no centro
Num lusco-fusco de aurora
Pra quem chegava de fora
Pouco enxergava ali dentro

Dei de mão numa tiangaça
Que me cruzou no costado
E já sai entreverado
Entre a poeira e a fumaça
;Óigale!, China lindaça!

Morena de toda a clina
Dessas da venta brasina
Com cheiro de lixiguana
Que quando ergue uma pestana
Até a noite se ilumina

Misto de diaba e de santa
E com ares de quem é dona
E um gosto de temporona
Que traz água na garganta
E eu me grudei na percanta

O mesmo que um carrapato!
E o gaiteiro era um mulato
Que até dormindo tocava
E a gaita choramingava
Como namoro de gato

A gaita velha gemia
Às vezes quase parava
De repente se acordava
E num vanerão se perdia!
E eu contra a pele macia

Daquele corpo moreno
Sentia o mundo pequeno
Bombeando, cheio de enlevo
Dois olhos, flores de trevo
Com respingos de sereno

Mas o que é bom se termina
Cumpru-se um velho ditado
Eu, que dançava embalado
Nos braços doces da china
Escutei de relancina

Uma espécie de relincho
Era o dono do bochincho
Meio oitavado num canto
Que me olhava com espanto
Mais sério do que um capincho

Foi ele que se veio
Pois, se era dele a pinguancha
Bufando e abrindo cancha
Como dono do rodeio
Quis me partir pelo meio

Co'um talonaço de adaga
Que se me pega, me estraga!
Chegou a levantar um cisco!
Mas não é à toa, chomisco
Que sou de São Luiz Gonzaga!

Meio na curva do braço
Eu consegui tirar o talho
Mas quase que me atrapalho
Porque havia pouco espaço
Mas senti o calor do aço

E o calor do aço arde!
Me levantei sem alarde
Por causa do desaforo
E soltei meu marca-touro
Num medonho Buenas tardes

Eu tenho visto cosa feia
Tenho visto judiaria
Mas hoje ainda me arrepia
Lembrando aquela peleia
Talvez quem ouça não creia

Mas vi nascer, no pescoço
Do índio do berro grosso
Como uma cinta vermelha
E desde o beíço até a orelha
Ficou relampeando o osso!

O índio era um índio touro
Mas até touro se ajoelha!
Cortado do beíço à orelha
Amontoou-se como um couro
E, amigos, foi um estouro

Daqueles que dava medo!
Espantou-se o chinaredo
E aquilo foi uma zoadá!
Parecia até uma eguada
Disparando num varzedo

Não há quem pinte o retrato
Dum bochincho quando estoura
Tinidos de adaga, espóra
E gritos de desacato
Berros de quarenta-e-quatro

De cada canto da sala
E a velha gaita baguala
Num vanerão pacholento
Fazendo acompanhamento
Do turumbamba de bala!

É china que se escabela
Redemoinhando na porta
E xiru-da-guampa-torta
Que vem, direito, à janela
Num grito de toda goela

Num berreiro alucinante
O índio que não se garante
Vendo sangue, se apavora
E se manda campo fora
Levando tudo por diante!

Eu sou crente na divindade
Morro quando o Deus quiser
Mas, amigos, se eu disser
Até periga verdade
Naquela barbaridade

De chinaredo fugindo
De grito e bala zunindo
O gaiteiro alheio a tudo
Tocava um xotes clinudo
Já quase meio dormindo!

E a coisa ia indo assim
Balanceei a situação
Já quase sem munição
E todos atirando em mim
Qual ia ser o meu fim?

Eu me dei conta de repente
Eu não vou ficar pra semente
Mas gosto de andar no mundo!
Me esperavam na dos fundo
Eu saí na porta da frente

E, dali, eu ganhei o mato
Abaixo de tiroteio
Ainda escutava o floreio
Da cordeona do mulato
E, pra encurtar o relato

Eu me bandeiei pra o outro lado
Cruzei o Uruguai a nado
Que o meu baio era um capincho
E a história deste bochincho
Faz parte do meu passado

E a china?

Essa pergunta me é feita
Em cada vez que eu declamo
É uma cosa que eu reclamo
E acho que é até uma desfeita
Acho que não é direita

E até entender nem consigo
Eu, no medonho perigo
Duma situação brasina
Todos perguntam da china
E ninguém se importa comigo!

E a china, eu nunca mais vi
No meu gauderiar andejo
Somente em sonhos a vejo
Num bárbaro frenesi
Talvez ande por aí

No rodeio das alçadas
Ou talvez, nas madrugadas
Seja uma estrela xirua
Dessas que se banha nua
No espelho das aguadas

Galpão Nativo

Meu velho galpão de estância
Da pampa verde-amarela
Que ficou de sentinela
Da história de nossa infância
És um marco na distância
Da velha capitania
Porque foste a sacristia
Do batismo do gaúcho
Quando moldou-se o debuxo
Da pátria que amanhecia

Quinchado de santa fé
Oito esteios, pau a pique
Até parece um cacique
Todo emprumado de pé
O legendário sepé
Legítimo rei no trono
Que desde o primeiro entono
Trazia a pátria nos tentos
Anunciando aos quatro ventos
Que esta terra tinha dono

Velho bivaque nativo
Encravado na cochilha
Palanque de coronilha
Do Rio Grande primitivo
Altar do fogo votivo
Que um dia o guasca acendeu
E aceso permaneceu
Bordado de picumãs
Anunciando aos amanhãs
Que o gaúcho não morreu

Não existe nada igual
Em qualquer parte do mundo
Como o vínculo profundo
Do galpão tradicional
Que esse fogão ancestral
Que acalenta e arrebatava
Nesta velha casamata
Onde o guasca viu a luz
Galpão que a história traduz
Como oficina de pátria

Foi aqui que se fundiram
Aqueles velhos modelos
Que serviram de sinuelos
Da pátria que constituíram
Da pátria que construíram
Que a isso se propuseram
E nunca se detiveram
Porque nunca se detinham
Pra perguntar de onde vinham
Nem tampouco quantos eram

Foi aqui que descansaram
Depois das lides guerreiras
Os centauros das fronteiras
Que irmanados chimarream
E foi daqui que marcharam
Os andejes e os gaudérios
Negros e mulatos sérios
E tapejaras errantes
Gaúchos e bandeirantes
Rasgadores de hemisfério

O grande poeta Albino
Marques da Rocha escreveu
Que o rio-grandense cresceu
Dono do próprio destino
Peleando desde menino
Criado longe do pai
E é ele que um dia vai
De boleadeira e de vincha
E traz o brasil na cincha
Pras barrancas do Uruguai

Esse é o galpão que cultuamos
Esse é o galpão que queremos
Esse é o galpão que erguemos
E o galpão que conservamos
Como dizia Ruy Ramos
Velho tribuno imponente
Um pedaço de presente
E um pedaço de passado
E futuro enraizado
No subsolo da gente

Essa legenda, essa história
Essa história, essa legenda
Desta rústica vivenda
Da luta demarcatória
Da luta emancipatória
Da velha pátria comum
Não há preconceito algum
No velho galpão campeiro
Ao pé de cujo braseiro
Sempre há lugar pra mais um

Tribunal e refeitório
De maulas e milicianos
De charruas e paisanos
Sem pátria nem território
Hoje és, galpão, repertório
Daquelas charlas fraternas
E das lembranças eternas
Das saudades que ficaram
Dos centauros que matearam
Nos teus cepos de três pernas

Porém te resta o encargo
Velho galpão ancestral
Legendária catedral
De pátria e de pampa largo
No ritual de mate amargo
Ainda existe cevadura
És um templo na planura
De paz, amor e carinho
Pra iluminar o caminho
Da grande pátria futura

Mas se não houver campo aberto
Lá em cima quando eu me for
Um galpão acolhedor
De santa fé bem coberto
Um pingo pastando perto
Só de pensar me comovo
Eu juro pelo meu povo
Nem todo o céu me segura
Retorno à velha planura
Pra ser gaúcho de novo

Galo de Rinha (1958)

Valente galo de rinha
Guasca vestido de penas!
Quando arrastas as chilenas
No tambor de um rinhedeiro
No teu ímpeto guerreiro
Vejo um gaúcho avançando
Ensanguentado, peleando
No calor do entreveiro!

Pois assim como tu lutas
Frente a frente, peito nu
Lutou também o xirú
Na conquista deste chão
E como tu sem paixão
Em silêncio ferro a ferro
Caía sem dar um berro
De lança firme na mão!

Evoco nesse teu sangue
Que brota rubro e selvagem
Respingando na serragem
Do teu peito descoberto
O guasca no campo aberto
De poncho feito em frangalhos
Quando riscava os atalhos
Do nosso destino incerto!

Deus te deu, como ao gaúcho
Que jamais dobra o penacho
Essa altivez de índio macho
Que ostentas já quando pinto
E a diferença que sinto
É que o guasca, bem ou mal!
Só luta por um ideal
E tu brigas por instinto!

Por isso é que numa rinha
Eu contigo sofro junto
Ao te ver quase defunto
De arrasto, quebrado e cego
Como quem diz: Não me entrego
Sou galo, morro e não grito
Cumprindo o fado maldito
Que desde a casca eu carrego!

E ao te ver morrer peleando
No teu destino cruel
Sem dar nem pedir quartel
Rude gaúcho emplumado
Meio triste, encabulado
Mil vezes me perguntei
Por que é que não me boleei
Pra morrer no teu costado?

Porque na rinha da vida
Já me bastava um empate!
Pois cheguei no arremate
Batido, sem bico e torto
E só me resta o conforto
Como a ti, galo de rinha
Que se alguém dobrar-me a espinha
Há de ser depois de morto!

Milonga do Pajador

Letra: **Jayme Caetano Braun**

Música: **Pedro Ortaça**

Venho do fundo da história que foi escrita por mim
No repicar do clarim da luta emancipatória
Reprisando a trajetória dos velhos tebas guerreiros
De romances galponeiros com legendas e amarguras
De dia bebo lonjuras, de noite apago o luzeiro

Sem nunca ter pouso certo, parador, patrão nem dona
Me estendo sobre a carona o pingo pastando perto
Que a atração do campo aberto não há ninguém que resista
E o pajador nativista que o céu inspira e acalma
A querência dentro da alma e o mundo a perder de vista

E a própria estrela boieira que me guia e me desperta
E quando a saudade aperta a guitarra companheira
Faz da milonga campeira o mundo ficar pequeno
E como contraveneno da mágoa que me acompanha Bebo
graxa de picanha com salmoura de sereno

Às vezes quem nada tem é aquele que melhor vive
Quantas fortunas eu tive sem nunca ter um vintém
Amando e querendo bem sempre no maior empenho
E de nada me abstenho quando a incerteza me assalta
E até mesmo o que me falta, faço de conta que tenho

Pajador que traz de infância esta bárbara tendência
De ir de querência em querência, e andar de estância
em estância

Sempre olfateando a distância os mil sonhos que extraviei
Por onde andarão não sei no sem fim do céu e o pasto
Mas hei de encontrar o rastro dos versos que não cantei

Um dia quando eu me for rumbeando a querência eterna
Onde bolearei a perna diante do meu criador
Não chorem ao pajador do velho pago florido
Que há de cantar comovido até o último repuxo
Porque só em nascer gaúcho vale a pena ter nascido.

Monumento a Jayme Caetano Braun
Parque Maurício Sirotsky Sobrinho
(Parque da Harmonia), Porto Alegre
Escultor Vinícius Ribeiro
Fotografia de Nilton Santolin



Edição: Instituto Estadual do Livro – IEL

Capa e projeto gráfico: Ponto Arte

Revisão: Estevão Cogoy

Fotos da capa e págs. 74-75: Nilton Santolin, Estátua de Jayme Caetano Braun, obra do escultor Vinícius Ribeiro.

Imagens e fotografias: A maioria das imagens, em especial fac-símiles de documentos e reportagens, foram fornecidas pelo organizador, Cândido Adalberto de Bastos Brasil.

As fotografias da publicação originam-se de acervos familiares; foram feitos todos os esforços para a identificação de seus autores, mas esta nem sempre foi possível.

Agradecimentos: Aurora Ramos Braun, Edegar Cavaleiro Clio Luconi, Edegar Cavaleiro, Marco Aurélio Biermann Pinto, Markês Bianchi, Nilton Santolin e Vinícius Ribeiro.

Este livro foi composto por Ponto Arte para o Instituto Estadual do Livro e impresso na Gráfica Evangraf em julho de 2024.



O ORGANIZADOR — Cândido Brasil é natural de Porto Alegre, filho de Terezinha Loci de Bastos Brasil e Calixto Brasil. Poeta reconhecido no sul do Brasil, com participação e premiações nos maiores festivais poéticos do Rio Grande do Sul, teve poemas gravados por grandes nomes da arte declamatória e obras musicadas por vários compositores e grupos gaúchos, além de participações em mais de 30 coletâneas e citações em publicações brasileiras de escritores renomados e instituições como Estância da Poesia Crioula, MTG e Academia Rio-Grandense de Letras. Ativista cultural, participou, ministrando oficinas de poesia, do Fórum Social Mundial em Belém do Pará, em 2009, promovendo a arte declamatória entre pessoas de todos os continentes, e do Encontro de Escritores do Mercosul, em 2014 e 2015.

Foi jurado do Concurso de Poesia da Semana Farroupilha do Rio Grande do Sul em 2014.

Em 2021, foi vencedor do concurso literário dos Festejos Farroupilhas, promovido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, com o poema "Caminhos de Anita - Heroína de dois mundos" e venceu, com o seu poema "Filho da Luta", o Prêmio Lila Ripoll de Poesia, da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul.

Autor dos livros de poesia gaúcha *Tropilha de Sonhos*, *Nativo*, *Da cepa crioula*, *Telúrico* e *Filho da Luta – Poesia Social*, é sócio efetivo e presidente da Estância da Poesia Crioula, a Academia Xucra do Rio Grande.

ISBN 978-65-89863-30-4



9 786589 863304



CENTENÁRIO

JAYME CAETANO BRAUN

*Não chorem o pajador,
Do velho pago florido,
Que há de cantar comovido
Até o último respiro,
Porque só em nascer gaúcho
Vale a pena ter nascido!*



GOVERNO
DO ESTADO
**RIO GRANDE
DO SUL**
O futuro nos une.